

# NO PINTCHA

ÓRGÃO DO MINISTÉRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFONES: 3713/3726/3728 — BISSAU

## PRESIDENTE VIEIRA NA POSSE DOS NOVOS MEMBROS DO GOVERNO

### MAIS RIGOR DISCIPLINA E TRABALHO

O camarada Comandante de Brigada João Bernardo Vieira, Secretário-Geral do Partido, Presidente do Conselho da Revolução empossou na quarta-feira passada os novos membros do Governo provisório, depois da remodelação anunciada na segunda-feira dia 17 do corrente mês.

A cerimónia teve lugar no Palácio da República, tendo começado com o empossamento do Primeiro-Ministro, camarada Victor Saúde Maria, do Bureau Político do Partido e Vice-Presidente do Conselho da Revolução. Ao acto assistiram membros da direcção superior do PAIGC, secretários e directores-gerais.

Na sua intervenção o camarada Nino Vieira apelou à disciplina, rigor e trabalho, como uma forma de fazer avançar a nossa terra, esclarecendo que as mudanças no Governo são normais, embora elas não satisfaçam a toda gente. Durante a sua intervenção o Presidente advertiu aos membros do Governo, dizendo que aquele que não cumprir as suas funções será demitido.



Por seu turno, após tomar posse como Primeiro-Ministro, o camarada Victor Saúde Maria também apelou à disciplina, e melhor organização, salientando a importância destas mudanças.

NOTICIÁRIO NA ÚLTIMA PÁGINA

### ABDOU DIOUF ENVIA MENSAGEM

O camarada João Bernardo Vieira, Secretário-Geral do PAIGC e Presidente do Conselho da Revolução, recebeu ontem à tarde, no seu gabinete, o ministro senegalês junto à Presidência, senhora Caroline Diop, que lhe fez a entrega de uma mensagem do Chefe de Estado do Senegal, Abdou Diouf, cujo teor não foi revelado.

Aquele membro do Governo senegalês chegou a capital na tarde de ontem num voo especial, tendo sido acolhida pelo Ministro dos Recursos Naturais, camarada Joseph Turpin. Entretanto, durante a audiência, a que esteve presente o titular da pasta dos Negócios Estrangeiros, camarada Samba Lamine Mané, aquele enviado especial de Abdou Diouf terá discutido com as nossas autoridades problemas ligados à cooperação bilateral e acordado assuntos que se prendem com a actualidade, nomeadamente a situação no nosso continente.

### A BATALHA ECONÓMICA EM ANGOLA (Pág. 7)

### SEMANA A JOSÉ CARLOS SCHWARTZ PRIMEIRO-MINISTRO PRESIDE ABERTURA

A Semana Cultural em homenagem a José Carlos Schwartz foi ontem à tarde solenemente inaugurada pelo camarada Victor Saúde Maria, Primeiro-Ministro.

Uma exposição de Artes Plásticas seguida de uma Palestra sobre «José Carlos pioneiro da música moderna guineense» proferida por Fernando Jorge Castro Fernandes, bem como um espectáculo de conjuntos musicais, integraram este primeiro dia da semana cultural, que, recorde-se, prossegue até ao próximo dia 27.

Estiveram presentes, à sessão inaugural os camaradas Mário Cabral, do CC do Partido e Secretário para Informação e Propaganda do Secretariado do PAIGC, Filinto de Barros, do CC e ministro da Informação e Cultura, Adelino Nunes Correia, suplente do CC e Secretário de Estado da Juventude e Desportos, Luiza Borges, Responsável pela Direcção-Geral da Cultura, para além de outros membros do Partido e do Governo e membros do corpo diplomático acreditados no país.

No concurso de artes plásticas classificaram-se no grupo A:

1.º «Homem Grande Papel» de Hostidio Oliveira Gomes; em 2.º «Eu me Lembro» de Paulo António dos Santos e em 3.º «A Mulher na Paz» tam bém de Paulo A. dos Santos.

No grupo B — 1.º «A Luta de Libertação Nacional» de Amissão Lima; 2.º «A Longa Fase da Luta Armada» de Guilherme Semedo Tavares e em 3.º «Balobreiro» de Amissão Lima.



## ● Palestra sobre Direito

Terminou na segunda-feira passada as duas Conferências sobre o Desenvolvimento dos Direitos Humanos e o Estado do Direito e Direitos Humanos nos Estados Unidos da América. As duas Conferências foram proferidas pelo professor norte-americano David Trubeck, docente da Faculdade de Direito da Universidade de Wisconsin. A primeira Conferência, teve lugar no salão do III Congresso e a segunda realizou-se no salão nobre do Ministério da Justiça. As Conferências foram organizadas pela Escola de Direito, em colaboração com a embaixada dos Estados Unidos da América, no nosso país. Assistiram ao encontro os professores e alunos da Escola de Direito, funcionários do Ministério da Justiça e numerosos convidados.

## ● Avarias telefónicas

«A troca da velha central para a nova, imposta pelo funcionamento da rede automática é a causa que está na origem do não funcionamento de alguns telefones da nossa cidade». — São as palavras do camarada Carlos Sulay Sow, chefe de Departamento de Fiscalização.

Ainda segundo o camarada Sulay Sow, devido a fase de rodagem em que se encontra a central, esta não aguentaria com a carga de toda a rede, tendo em conta que é dela que dependem as chamadas do interior do país. Por outro lado, 25 por cento dos telefones se encontram desligados é devido a não legalização dos mesmos, isto é, não pagamento do aluguel.

O camarada Sulay Sow reconheceu por outro lado, que há oasos de reclamações justas uma vez que a mudança dos «fones» carece ainda de alterações dos números, mas que os serviços estão empenhados e vão tentar melhorar a situação no mais curto espaço de tempo.

## ● Países Menos Avançados

O nosso país na qualidade de membro do PMA — Países Menos Avançados — estará presente na reunião especial do Conselho Administrativo do PNUD, a ter lugar depois de amanhã em Genebra, e que se prolonga até ao dia 27 do corrente.

Para representar a Guiné-Bissau neste «forum», deixou ontem a nossa capital o Dr. Bartolomeu Pereira, economista do Plano. Segundo este camarada, a reunião vai permitir aos países em desenvolvimento sensibilizar o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), no sentido de não diminuir a sua ajuda, antes pelo contrário, a aumentá-la.

Recorde-se que os PMA haviam realizado uma reunião, em Nova York, com vista a sensibilizar os outros países a participarem nesta reunião de Genebra.

A nossa delegação é chefiada pelo camarada Alfredo Lopes Cabral, conselheiro permanente da missão guineense nas Nações Unidas.

## ● Cimeira da CEDEAO

Com o objectivo de tomar parte na preparação da V Cimeira dos chefes de Estado da CEDEAO a ter lugar em Kotonu, de 27 a 29 do corrente, partiu ontem com destino à capital beninense o camarada Aboubacar Touré, director-geral de Relações Económicas Internacionais do extinto Ministério da Coordenação Económica e Plano.

Segundo aquele responsável, vários problemas estão a ser discutidos nesta reunião, já que ela começou desde o dia 20, devendo terminar no próximo dia 25. Entre as questões em debate salienta-se, o Pacto de Defesa, Empresa Comunitária, Agricultura, Fundo de Desenvolvimento e Compensação, tendo este último sido discutido na reunião que decorreu de 15 a 19, e que contou com a participação dos camaradas Adelino Manc Quetá, secretário-geral do antigo ministério das Finanças e Rui Ferreira, técnico do Plano.

Por outro lado, nesta reunião que antecede a cimeira, será debatido o problema das telecomunicações, sendo os resultados apresentados aos chefes de Estado.

# Durante quatro semanas Jornalistas frequentam curso

Na presença do camarada Ministro da Informação e Cultura, Filinto Barras e do Embaixador da RDA, senhor Manfred Feiferth, foi realizada, na quarta-feira passada, a cerimónia inaugural do seminário de superação dos quadros da informação.

No acto, que teve lugar na sala de reuniões do Secretariado do Partido, o camarada Agnelo Regalla, director-geral

da Informação, salientou a importância da iniciativa «porque o jornalista tem a necessidade de se superar a cada momento, valorizando-se profissionalmente».

Perante uma assembleia de trabalhadores da informação muito reduzida, facto que mereceu severas críticas, porque demonstra, infelizmente a falta de interesse de alguns jornalistas, Agnelo Regalla referiu-

se aos laços de cooperação que unem os dois países, povos e a classe jornalística. A este propósito, após recordar o passado das nossas relações de amizade, enalteceu a ajuda que a República Democrática Alemã deu ao nosso país, particularmente à Imprensa Nacional.

Por seu lado, Fred. Frotscher, um dos orientadores do seminário, apontaria em linhas ge-

rais os objectivos que se pretende atingir com o curso. «A imprensa deve ter o papel de mobilizador, organizador e educador», salientaria aquele jornalista alemão.

De referir que o seminário decorrerá durante quatro semanas, simultaneamente, na sede do Partido (para profissionais da rádio) e na redacção do jornal «Nô Pintcha» (para a imprensa escrita).

## Bissau na reunião de Socorrismo

O camarada Augusto Pereira, secretário-geral da Cruz Vermelha, representa a Guiné-Bissau no 17.º Congresso sobre primeiros socorros, que se realiza em Vichi, França, de 26 a 31 do corrente mês. O representante da Cruz Vermelha nacional, que inicia no dia 26 uma digressão pelos países europeus, nomeadamente a França, Portugal e Suíça, tomará parte igualmente no encontro de representantes das Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha de dez países africanos de expressão oficial francesa consagrado à concertação de ideias referentes à viabilidade de uma

cooperação a nível das instituições humanitárias.

Segundo o camarada Augusto Pereira, a viagem tem por objectivo estabelecer contactos com as organizações desses países. A viagem à Suíça, recorde-se, vem na sequência do convite formulado ao Presidente da Cruz Vermelha para visitar a sede daquela instituição humanitária, em Genebra. Por outro lado, aproveitando a escala em Lisboa, o delegado da Cruz Vermelha contactará as autoridades portuguesas ligadas àquele domínio sobre as relações existentes entre as duas instituições.

## JAAC no Congresso da Komsomol

A Juventude Africana Amílcar Cabral (JAAC) encontra-se representada no 19.º Congresso da Komsomol, na pessoa do camarada Teobaldo Barbosa, do CC do P.A.I. G.C. e Secretário Adjunto da organização juvenil guineense. O Congresso iniciou os trabalhos desde a passada terça-feira, tendo escutado a intervenção do primeiro Secretário do CC da Komsomol, Boris Pastukhov, e do presidente da Comissão Central de Controle, Evgueni Gluchevitch. Na sua intervenção,

consagrada na sua maior parte ao papel da juventude no desenvolvimento da economia do país, da ciência e da cultura, Boris Pastukhov reiterou o apoio à luta anti-imperialista e pela libertação dos povos. Os congressistas dirigiram ainda um apelo aos jovens de todo o mundo a lutarem contra os perigos de guerra e corrida aos armamentos e a assumirem conscientemente a sua responsabilidade pela salvaguarda e reforço da paz.

## Respondé o povo

### Telefones: Que acha da nova rede?

Nas vésperas do dia Internacional de Telecomunicações, a Secretaria de Estado dos Correios e Telecomunicações lançou em regime experimental a nova rede telefónica com capacidade de cobrir todo o país. Mais um marco importante na vida do desenvolvimento desta terra se desenha. A este propósito ouvimos três pessoas que responderam como se segue:

#### UM ALÍVIO ÀS DIFICULDADES

Paula Sá Correia — aluna do 1.º ano C.G. no Liceu das FARP Acho muito boa e vantajosa essa medida tomada pelo nosso governo porque visa resolver os problemas que muito afecta a nossa comunicação tanto dentro da capital como no interior do país. Não sei se esta nova rede conseguirá resolver todos os casos de emergência, sobretudo no interior do país onde há maio-

res dificuldades nos transportes e donde se ouvem muitas queixas. Mas de qualquer forma será um alívio às dificuldades.

A terminar agradecia aos possuidores de telefones para concederem facilidades aos pedidos de uso de telefone nos casos de aflicção, ou outros justificativos.

#### UMA MAIOR SEGURANÇA NO DIÁLOGO

Paulo Barros — fun-

cionário da Pescarte em Bissau — Esta nova rede vai pôr cobro à insegurança anteriormente verificada nas comunicações. A ligação dentro do território nacional vai ser mais directa, sem intervenção dos Correios. Com isso já haverá maior segurança no diálogo entre as pessoas e põe termo também às situações de reservas nos casos de pedido de ligação que demoram bastante. O que se verifica ainda é o cruzamento das linhas, mas espero que serão eliminadas neste período experimental. A campanha de explicações através da rádio deve ser prolongada porque certas pessoas ainda não

compreendem o sistema do funcionamento.

#### MAIS UM PASSO À FRENTE

Fatumatá Sanhá, aluna da Escola de dactilografia — A instalação desta nova rede é mais um passo em frente no desenvolvimento da nossa terra, que poucas coisas herdou do passado, sobretudo no domínio da Comunicação já que a rede telefónica não atingia muitas zonas. Com esse alargamento, as populações mais distantes vão sair do isolamento podendo estar constantemente em contacto com Bissau. Aproveito a situação para agradecer o governo e a instituição que financiou esta nova iniciativa.



# Campanha de comercialização melhora mas não atinge as previsões

O balanço da campanha de comercialização de produtos agrícolas 81/82, permitiu aos directores centrais e regionais das empresas, Armazéns do Povo e Socomin, assim como os altos responsáveis do Ministério do Comércio, Pescas e Artesanato, concluir ter-se atingido melhores resultados em relação ao ano anterior, embora, apesar de tudo, as previsões não tivessem sido alcançadas. Efectivamente, quando se fala em melhor comercialização significa que houve progressos na recolha de produtos agrícolas das mais recônditas tabancas do país, cujo isolamento tem provocado transtornos não só para as populações que se sentem prejudicadas por não poderem vender as suas colheitas, como também para a própria economia do país.

Não obstante tais resultados, os responsáveis comerciais dão conta de que até este momento alguns produtos agrícolas continuam retidos nas tabancas mais distantes do Sul e do Leste do país devido às insuficiências de transportes e às péssimas condições das estradas.

Como razões principais de falhas verificadas na campanha de comercialização, os participantes àquela reunião, apontaram factores relacionados com a insuficiência no abastecimento às populações camponesas em géneros de primeira necessidade, produtos esses considerados como dinamizadores da produção; recepção tardia das mercadorias em relação ao início da campanha agrícola e de comercialização, o

que origina a desmotivação dos camponeses na lavoura e encoraja a fuga dos nossos produtos para os países vizinhos.

Entre vários outros motivos, os responsáveis do comércio indicam ainda, além do estado de conservação das estradas, pontes, a inoperacionalidade da frota fluvial (devido a falta de material para reparação), a carência de armazéns para a estocagem de produtos dos camponeses, atrasos na abertura da campanha em data a coincidir com a dos países vizinhos, a falta de britadeiras adequadas e insuficiências de vasilhames, sacarias (sacos) e outros meios de embalagem necessários para a evacuação de produtos.

Numa análise relativa ao estudo de um organismo técnico, «Kelvin-

gate Ltd.», sublinhou-se durante os debates, que as deficiências das empresas resultam da crise conjuntural do país e não unicamente da organização das empresas.

## ARROZ MENOS COMERCIALIZADO

Os relatórios apresentados na reunião, sublinham, que os baixos níveis de comercialização do arroz derivam essencialmente da escassez que as quebras de importações deste mesmo produto provocam. Isto é, carecendo o arroz importado, o consumidor opta pela corrida aos celeiros do sul do país, favorecido pelo produtor que deixou de vender o produto aos centros comerciais.

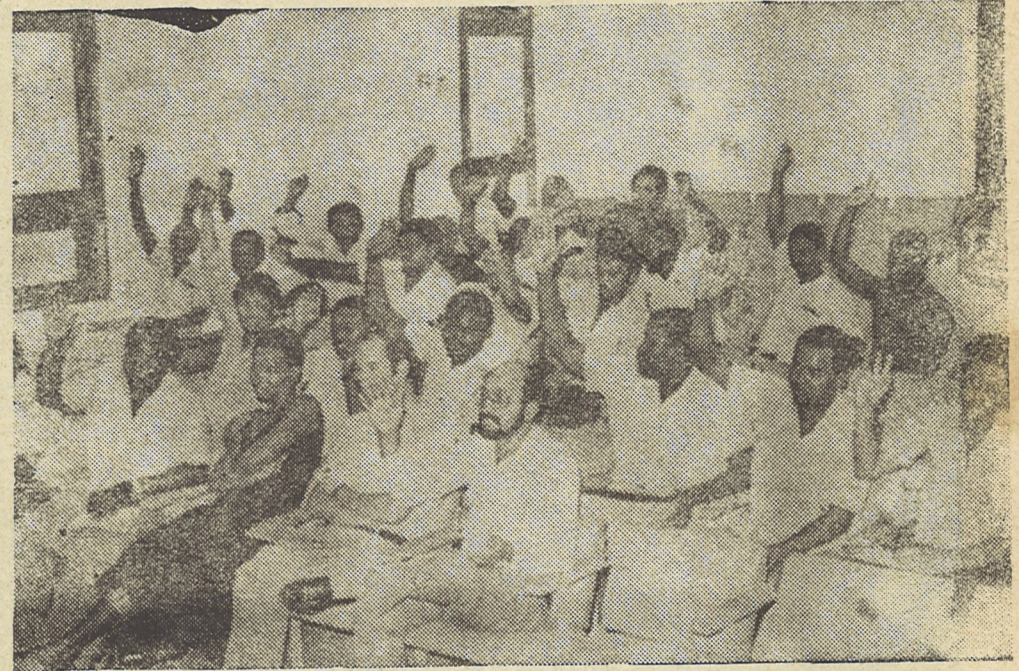
«Sempre se ouviu falar numa grande ou razoável produção, o que, até nunca se pôs em dúvida» — acentuaram os dirigentes dos Armazéns do Povo no relatório apresentado — mas daí até à comercialização junto das empresas públicas e com indústrias de descasque, vai uma grande distância, levando à conclusão de que maiores produções continuam a canalizar-se directamente para o

autoconsumo, estoques de reserva e comercialização directa — produtor/consumidor — sem entrarem nos circuitos oficiais do comércio... O problema de fundo ultrapassa as empresas comerciais. Até ao mês de Abril findo, os Armazéns do Povo só conseguiram evacuar das re-

2 100 toneladas. Por sua vez, a Socomin recolheu 870 toneladas de arroz em casca e 155 de pilão, no mesmo período, contra a previsão inicial de 4 500 e 1 050 toneladas para os mesmos tipos de cereal.

Quanto à comercialização da mancarra, os

gem ainda prosseguem. No entanto, já se procede ao descasque do produto para a exportação. Para a Socomin, a comercialização situa-se em 9 307 toneladas, contra a previsão inicial de 15 500. Os produtos pouco mais ou menos comercializados a seguir à



Aspecto da assembleia que participou nos trabalhos

giões 931 toneladas de arroz em casca e 295 de pilão, quando nos seus planos previam atingir respectivamente quatro mil e

Armazéns do Povo previam 15 mil toneladas, nos objectivos de gestão, mas agora só espera atingir nove a dez mil, pois os planos de drena-

mancarra e ao arroz, são o coconote e a castanha de cajú, considerados de grande valor pela sua alta cotação no mercado internacional.

## A produção e o crédito agrícola

A necessidade urgente de institucionalização do crédito agrícola ao camponês, o abastecimento efectuado a tempo, e a aceleração dos programas de importação, foram algumas das exigências consideradas fundamentais para que a próxima campanha agrícola obtenha melhores resultados no aumento de produção. Os responsáveis do comércio estatal resumiram assim a sua preocupação sobre uma questão já várias vezes levantada pelos técnicos do Desenvolvimento Rural, como sendo um dos entraves ao desenvolvimento da produção agrícola no país.

Constatou-se que o comércio só será o motor e dinamizador da agricultura, quando os camponeses puderem sentir a utilidade de venda das suas colheitas nas lojas e motivadas, portanto, a aumentarem as áreas de produção.

A institucionalização do crédito agrícola é tida como necessária por ser uma das condições básicas para o incremento da produção agrícola aproveitando para tal as experiências já realizadas nesse domínio, particularmente pelo Desenvolvimento Rural. Durante os debates, surgiram contradições entre alguns intervenientes quanto a oportunidade do uso desse sistema, devido às implicações que pode provocar, caso não seja convenientemente programado.

O consenso geral veio a convergir na sua concessão sob duas formas: crédito em mercadorias e crédito monetário. Para os responsáveis do comércio estatal, o crédito deve ser da responsabilidade do BNG, Desenvolvimento Rural e participa ção dos Comités de Estado regionais. Ao Comércio competirá apenas, segundo eles, garantir o abastecimento às populações em géneros de primeira necessidade, de grande procura no mundo rural.

### IMPORTAÇÕES ATRASADAS...

Exprimindo toda a disponibilidade de contribuir para a melhoria das campanhas agrícolas, não obstante os factores da conjuntura só-

cio-económicos do país, os representantes das empresas estatais atribuem parte de responsabilidade ao Ministério de Tutela e ao Banco, na participação de quotas de importação e programação periódica e antecipada dessas mesmas importações, assim como as autorizações e abertura de créditos.

É o exemplo de um segundo programa para o 1.º quadrimestre de 1982, apresentado pelos Armazéns do Povo em Dezembro último o qual, conforme os seus dirigentes, não encontrou execução programada. Esta situação viria a provocar impasses e atrasos que afectaram as importações de Fevereiro, Março e Abril passados.

«A ninguém será lícito desconhecer a situação de carências cambiais do país — sublinharia o documento apresentado ao encontro — mas, em contrapartida, também não será válido inculpar as empresas públicas pela sistemática ruptura de estoques, pela falta de abastecimento às regiões e pelas prateleiras vazias nos diversos postos de venda espalhados pelo país». Solicitam, por isso, a definição de meios disponíveis, das modalidades de financiamento e de coberturas cambiais e de artigos prioritariamente vocacionados para o camponês-agricultor «e não nos deixarmos influenciar pelas ofertas generosas de industriais e armazenistas de tecidos, que muitas vezes pretendem vender artigos que nem consumo terão junto da população rural».

Numa das passagens do seu esclarecimento, os dirigentes das importações do Ministério do Comércio dão resposta a estas considerações: «Para que as autorizações de importação se traduzissem em importações efectivas, seria necessário, contudo, que o BNG abrisse os créditos correspondentes. Ora, no período de Outubro de 1981 a Março de 1982, o BNG abriu créditos no valor global de 4,4 milhões de dólares, a que se juntam cerca de 2,1 milhões de dólares de facilidades de créditos. A questão dos créditos foi deste modo o grande facto de estrangulamento da execução do Programa».





**AIM — Em Moçambique, em 1979, dizia-se que deveria ter-se mantido no poder ao invés de o passar aos civis. Reconhece isso como um erro da sua parte?**

Rawlings — Primeiro que tudo quero que diga ao Presidente Samora Machel que eu fui um ingénuo ao pensar que a opressão era apenas um acidente humano. Sei agora que isso comporta mecanismos organizados. Foi um erro triste... Fui realmente muito ingénuo. Devo a Samora Machel uma saudação e outra para Castro (1). Eles tentaram dizer-me que eu não tinha percebido, no que estava envolvido — mas eu pensava que sabia...

Quando fala em entregar o poder, bem... nunca foi minha ambição monopolizar a liderança deste país. Eu via-me — e continuo a ver-me — como parte da sociedade, completando a sociedade, na esperança que essa sociedade complementemente os meus esforços individuais. Como um ingénuo, ao entregar o poder, não via isso como tal. Para mim era uma questão administrativa. Para mim, o poder estava ainda conosco, conosco o povo. Pensava que era impossível para alguém fazer voltar os ponteiros do relógio pa-

ra trás — não punha isso em questão. Quando Castro e Samora Machel começaram a dizer-me estas coisas tentei argumentar dizendo, «não compreendem — nada pode já ser invertido».

Entregando o poder eu via isso na perspectiva de podermos exigir prestação de contas. Agora vamos ser parte das coisas — era como pensava. Nunca fui um escravo e nunca o serei. Tendo ajudado a libertação dos meus compatriotas, ajudando a quebrar as suas algemas, nunca pensei que eles permitissem ser agrilhoados de novo. Via tudo neste termos muito simples. Pensava, «agora que quebramos as amarras, não posso conceber que permitamos de novo a mordida.» Equacionava apenas a minha perspectiva individual sem ter em conta as fraquezas e as capacidades dos meus iguais. Acabei por ficar isolado nesse desafio. Os exploradores meteram tudo de novo na jaula. Tiveram essa capacidade porque nos dividiram. Dividir para reinar — só tinha visto isso nos livros, nunca na prática — foi uma inescusável experiência. A maneira como utilizaram a máquina governativa para orquestrar situações, fazendo com que as pessoas se degladiassem

entre si, manipulando, tentando eliminar-nos, atirando o povo contra nós.

Foi uma experiência chocante. Descobri a viciousidade da classe dominante na sua ânsia de reter sobre todas as condições o poder. Dizendo-lhe isso, demonstro quanto ingénuo eu fui. Compreendo agora o que me estavam a tentar dizer. Não era apenas uma questão de fé e apoio humano — tratava-se de moldá-lo, cristalizá-lo num sistema harmónico. Organizar o poder como uma força. Mas o que apenas sabia na altura era que «não queria ser escravo». Era tudo. Não sabia da necessidade de nos organizarmos como uma força, para que os exploradores não voltassem de novo.

**AIM — Sente então agora como é crucial a necessidade de mobilizar e educar o povo, fornecer-lhe consciência política...**

Rawlings — É verdade, é necessário. Mas há o problema de ligar a teoria à prática. Sou um homem solitário no sentido em que me tornei a ponte entre os exploradores (underdogs) e os nossos intelectuais progressistas. O problema com os nossos intelectuais são as deficiências de comunicação e as bar-

A entrega do poder aos civis no Ghana, em 1979, a adopção de um sistema económico, caracterizada sobretudo pela socialização da concepção de planos, do Ghana, concedeu à Agência de Informação Moçambicana (AIM).

Na entrevista, o Presidente Jerry Rawlings referir-se-ia às relações do interrogado sobre a hipótese de eventual agressão por parte de países vizinhos de sabotagem.

A situação no Ghana, segundo ele, não é visto com bons olhos por muitos para protegermos Ghana teremos de estar vigilantes 24 sobre 24 horas, para

Devido à sua importância e actualidade, apresentamos aos nossos leitores

## Estamos preparados para qualquer tipo de situação

— Jerry Rawlings fala do futuro do país

reiras ideológicas. Não têm uma linguagem acessível às massas. Não conseguem tocar no fundo da sensibilidade do homem comum. Não compreendem o verdadeiro processo da revolução. Nunca compreenderam. Não compreendem as condições do povo. Alguns tentam explicar-me que «as condições objectivas não estão ainda maduras», bla, bla, bla...

Mas fazem-no com a barriga cheia, coisas que os explorados não sabem o que é. Não têm que se levantar às 3, 4 da madrugada para fazerem bicha para o lavabo. Não precisam de se levantar a essa hora para ir buscar água. Por favor, não me venham com essa verborreia intelectual. Juntem-se a nós, estejam preparados para todo o momento fazerem a revolução. Não se trata aqui de um problema com reaccionários. Esses são tratados como criminosos que são. Trata-se dos que não o são — ainda não fizemos suficiente trabalho de casa para atingirmos a mente do homem comum. Porque nós ainda não nos fizemos compreender a nós próprios. Alguns intelectuais permanecem fora da realidade e como resultado, não são vistos pelas massas como parte integrante. Em situação de agitação eles assustam-se. Nessas situações é o homem revoltado que toma a liderança — não é o padre, não é o professor — são os miseráveis que tomam a dianteira.

**AIM — Tendo em conta o relevo que dá à participação popular, que sistema social adoptará o Ghana no futuro?**

Rawlings — Fala-se do capitalismo como um modelo de desenvolvimento, do mesmo modo que do comunismo ou socialismo como outro modelo. Têm algo de comum usando contudo diferentes formas de atingir o desenvolvimento. Têm alguma coisa em comum, nomeadamente um certo nível de inte-

gridade social, um certo carácter nacional, a procura de prestação de contas e responsabilização. Tudo isto está ausente na maior parte do Terceiro Mundo. Mas sem isso, o capitalismo deles, ou o socialismo deles, não funciona. O que o capitalismo e o socialismo têm em comum é que sob os dois sistemas as pessoas lutam e morrem pelos seus países. Para os que gostam de falar em liberdade no Ocidente, eu diria, talvez eles permitam que a liberdade seja responsável.

**AIM — Não estou tão certo que eles permitam essa liberdade...**

Rawlings — Oh, eles não nos permitem isso a nós, mas para eles permitem um certo nível de liberdade em nome do chamado desenvolvimento. Para os que querem falar do Leste, mesmo que me queiram dizer que a liberdade lá não é responsável, eu direi que no mínimo são países controlados por patriotas nacionalistas. Mas quando começamos a olhar para o Terceiro Mundo, quando olhamos para a maioria dos países africanos, quando observamos o meu país, não temos nada que permita que a liberdade seja responsável, nada que nos indique que o país está sob controle de patriotas nacionalistas. Nós temos o pior dos mundos — sobreviver na medida em que seja possível a exploração. Porque se nós permitirmos aos homens que a liberdade seja responsável, então eles tornar-se-ão independentes.

**AIM — A responsabilização da liberdade pode significar socialismo... Tem medo das palavras?**

Rawlings — Quando os meus companheiros falam de socialismo como o caminho a seguir por nós eu costumo dizer-lhes, «cuidado com os rótulos. O Ocidente envenenou demasiadamente a mente das pessoas. A melhor coisa que temos a fazer é resolver

os problemas do povo na prática — depois podemos dizer-lhes que o que estamos a fazer é o socialismo. Mas tomando em conta o risco, o melhor é não utilizarmos rótulos».

**AIM — No enquadramento popular que papel poderão desempenhar os PDC's (Comités de Defesa Popular). Na nossa perspectiva assemelham-se muito aos grupos dinamizadores criados em Moçambique durante o período de transição para a independência, quando os capitalistas abandonavam o país e os GD's em muitos casos tiveram um importante papel de controlo e mobilização. Os PDC's poderão ter essa função?**

Rawlings — Certo. Mas a situação não está ainda muito definida. Não temos quadros. Por isso continuamos a fazer um trabalho de massas enquanto os quadros vão sendo formados. O nível de consciência é ligeiramente mais elevado que em 1979. Os reaccionários cometeram um grande erro. Depois da entrega de poder tentaram retirar aos trabalhadores alguns direitos e liberdades conquistados. Sabemos que um escravagista só se sente seguro enquanto o escravo permanece escravo. Mas a partir do momento em que o escravo prova o sabor da liberdade, os escravagistas começam a ter problemas. Nós tivemos esse sabor, por isso foi estúpido tentarem extorquir-nos essas liberdades. A consciência é agora maior e é uma questão de darmos maior conteúdo político, de educação...

**AIM — Mas qual será o futuro dos PDC's? Poderão ser futuras células de base de um partido popular?**

Rawlings — Mas nenhuma estrutura do género será criada. A perspectiva é que sejam eles de facto os órgãos de poder e decisão. De momento somos nós que os dinamizamos, que lhes procuramos dar algumas



# Semana Cultural em homenagem

## a José Carlos

21 a 27/5

### Um momento de reflexão

Embora seja dedicada à memória de José Carlos Schwartz, a Semana Cultural que ontem começou, deve ser também de reflexão sobre o estado da vida cultural no País.

A realização, só por si, é um acto importante que demonstra a vontade de congregação e divulgação de actividades artísticas, fugindo à rotina que nos está a encaminhar para a estagnação nas actividades culturais.

Que esta mornidão seja fruto de uma ausência de estruturas de apoio é uma verdade que, por dura que seja, há que ter sempre presente. Os costumes das populações vão-se perdendo na esteira do tempo, enquanto nascem e se formam outros. Em Bissau, não se acabaram, contudo, as concentrações seja pelo choro, seja pela lavoura. Em contrapartida, estão a rarear a investigação e apresentação de outros Dominik, Infamara Mané, Paulo Santi, Aua.

Descobrir e dar a conhecer ao público novos nomes será um incentivo necessário para atrair mais cantores, mais instrumentistas, mais malabaristas.

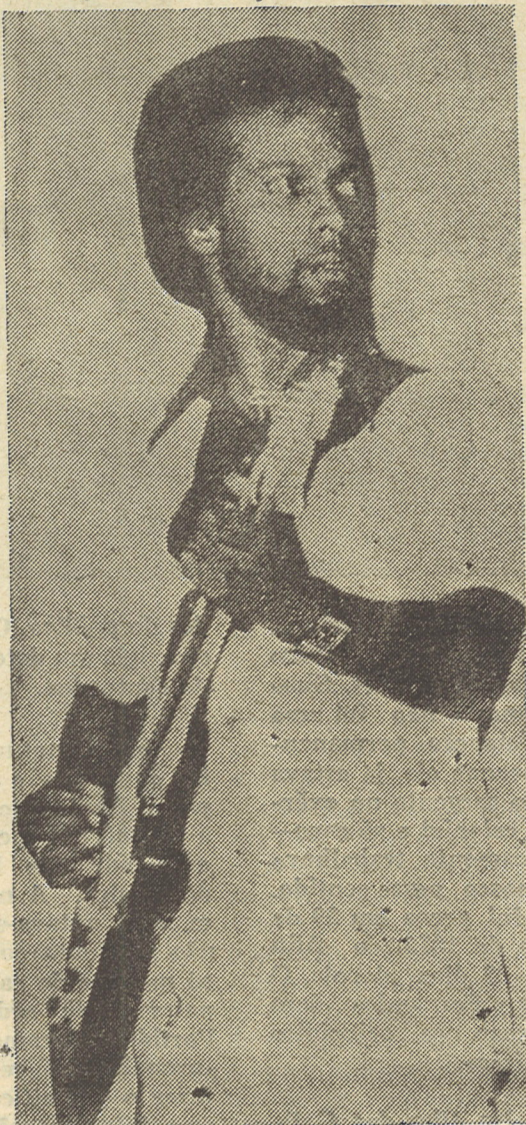
Em Bissau, os jovens proclamam a os quatro ventos o marasmo cultural que actualmente se verifica na capital por se limitarem às manifestações — esporádicas — de carácter oficial realizadas no Salão do III Congresso ou na Udib.

O necessário será pois realçar as manifestações culturais, apoiando-nos nos meios ao alcance da mão, e catapultando-os ao nível nacional.

Um passo importante seria dado pelos responsáveis do Partido de cada bairro se eles consciencializassem as populações da necessidade de participar na construção de casas — barracas, se quizerem —, onde os jovens se possam reunir e realizar encontros artísticos.

Depois, que se empenhem em conseguir os materiais (instrumentos) necessários junto às autoridades competentes. A partir daqui, caberá à Juventude o controle e a dinamização destes centros, propiciando a todos a oportunidade de sessões, musicais, de teatro, de declamação de poesias, etc., com os artistas do próprio bairro.

A reactivação cultural, em Bissau e noutros pontos do país, está nas nossas mãos. Que esta Semana Cultural não se resuma aos sete dias de homenagem àquele que, no entanto, não foi só músico ou compositor, mas vingou por uma série de actividades pagando o seu quinhão ao entregar a sua juventude à causa nacional.



Não cantar uma canção a Cabral mas cantar Cabral em todas as canções, pois assim não só farei toda a minha vida, como também toda a minha vida me obrigarei à prática do seu pensamento, o que está patente nas minhas canções. Penso que esta é a melhor canção que lhe poderei fazer.



Canta camarada  
Deixa que o teu sonho verdade  
Flua límpido nos anseios da tua voz quente  
Pois este é teu dever, o teu direito.

Canta camarada  
Que a recordação da tua dor  
seja como a terra revolvida  
Em cada época, para a sementeira.

Canta camarada  
Apenas alguns nomes, para que seja exaltado  
o anónimo]

Apenas os mortos, porque os vivos  
Ainda podem desmerecer da nossa gratidão.

Canta camarada  
Pois é a única benesse  
Que te reservaste na oferta da tua juventude  
Em Holocausto no altar da revolução.

## O programa da semana

**Dia 21, Sexta — 16 horas** — início do torneio quadrangular de futebol de 11 no Estádio Lino Correia. **18 horas 30** — Inauguração da exposição de Artes Plásticas no Salão do III Congresso. **19 horas 30** — Palestra subordinada ao tema: José Carlos, pioneiro da música moderna guineense. **21 horas 30** — actuação de conjuntos modernos: N'Kassa Cobra, Tchifre Preto, Nô Pintcha e Cobianna Jazz, no Salão do III Congresso

**Dia 22, Sábado — 21 horas** — Apresentação da peça teatral: Sofridur ca ta padi fidalgo, no Salão do III Congresso.

**Dia 23, Domingo — 21 horas** — actuação do grupo artístico tra-

dicional de Bafatá (I parte) e dos artistas individuais (II parte); Janota, Zé Manuel, Ernesto Dabó, Rui Quimbanda, Dulce Neves, Aliu, Martinho, Bob Madera, Fatú no Salão do III Congresso.

**Dia 24, Segunda — 18 horas 30** — Mesa redonda sobre «José Carlos vida e obra», no Salão do III Congresso. **21 horas** — actuação de conjuntos modernos: Voz de Cassacá, Mini Banco, Lacarães, Juventude de Cobornel, África Livre no Salão do III Congresso.

**Dia 25, Terça — 8 horas** — partida para a Ilha das Galinhas onde será des-cerrada uma placa no presídio. **21 horas** — actuação do grupo ar-

tístico tradicional do Sul e alguns artistas individuais no Salão do III Congresso.

**Dia 26, Quarta — 18 horas 30** — Sessão cultural organizada pela Escola de Música no Salão do III Congresso. **21 horas** — actuação do «Ballet» Nacional no Salão do III Congresso.

**Dia 27, Quinta — 17 horas 30** — Deposição de uma coroa de flores na campa de José Carlos no Cemitério de Bissau. **21 horas** — Sessão cultural com música e declamação de poesia. Distribuição de prémios aos vencedores dos concursos (literário e Artes Plásticas). Actuação do grupo musical Velha Guarda no Salão do III Congresso.

boom boom boom

• N.º 4  
• 22/5/82

Suplemento

Nô Pintcha



# O artista e o seu tempo

Era Julho de 1976. José Carlos Schwartz estava de passagem por Lisboa, Portugal. E aí foi entrevistado pelo «Diário de Lisboa». Vale a pena recordar as palavras de Zé Carlos sobre a música da nossa terra.

«Durante os anos 60, nas zonas urbanas, a música que se praticava era praticamente resultante da influência de uma certa música brasileira, do movimento da jovem guarda e também da música pop. Isso desenvolveu-se a partir mesmo de agrupamentos de militares em comissão na Guiné e também com alguns grupos que se formaram lá como por exemplo, os «Pérolas Negras» e os «Apaches», que depois desapareceram. O «Pérolas Negras» foi o agrupamento que durou mais tempo e onde eu comecei a tocar» — contou-nos José Carlos Schwartz, um cantor da Guiné-Bissau que esteve estreitamente ligado à evolução da música urbana e à sua transformação de instrumento de opressão cultural em veículo de transmissão das ideias do Partido.

Ouvimo-lo em recente passagem por Lisboa, onde aproveitou para cantar na festa do primeiro aniversário da independência de Cabo Verde. É que para além de músico e militante (a música e o trabalho político levá-lo-iam à PIDE, às prisões e ao desterro na Ilha das Galinhas) é hoje responsável pelo Departamento de Arte e Cultura da Juventude. A entrevista é a história destes últimos 20 anos de música na Guiné e também o abrir de perspectivas do P.A.I.G.C., após a independência, com vista ao futuro.

## «O MASSACRE DO PIDJIGUITI TAMBÉM ESMAGOU O N'GUMBÉ»

«Havia uma certa tradição que estava a desaparecer e a que eu chamo música crioula. Era o ritmo do «N'Gumbé», música que se chama «badjo de Tina» que se tocava nos bairros populares, suburbanos, mas originários no campo, uma música que se formou paralelamente ao próprio crioulo. Essa música, por fins dos anos 50, desapareceu com o início da luta armada e logo a seguir ao massacre do Pidjiguiti. O «N'Gumbé» praticava-se nas tabernas em

que os trabalhadores se reuniam depois de saírem do trabalho. Aí organizavam os seus grupos e praticavam essa música».

«O «N'Gumbé» era acompanhado por percussão, um instrumento com armação em madeira, de forma quadrada, forrada de um lado e que se chamava «sikó». Há um mais pequeno para dar sons mais altos e há um maior que pode até ser percutido com uma vara, o «pulé». Normalmente, como havia «bidons» nas tabernas, esses «bidons» serviam para fazer de bombo. A secção de acompanhamento era à base harmónica. Depois havia os vocalistas. A canção desenvolvia-se à volta de pergunta e resposta. A origem autóctone estava aí marcada».

«Depois de 59 (massacre de Pidjiguiti) as tabernas passaram a ser fechadas às sete horas o que não dava possibilidades aos trabalhadores para se reunirem nesses locais».

«As autoridades coloniais impuseram o fecho das tabernas para impedir as reuniões e o trabalho político do partido, trabalho clandestino. Essas manifestações musicais se não desapareceram, reduziram-se ao mínimo. Os «badjos de Tina» ainda continuavam, pois as mulheres reuniam-se por ocasiões de baptizados e casamentos».

Esmagado o «N'gumbé» na sequência do massacre de 3 de Agosto de 59, ou pelo menos tornada impossível.

«...Mas hoje, olhando para trás, vemos que só o facto de cantarmos em crioulo, o que era inédito em conjuntos com a formação moderna, tocar e cantar realidades quotidianas, em crioulo, já se enquadrava na resistência cultural. Esse facto suscitou a atenção das autoridades coloniais sobre nós».

Ainda em 71, mal o Cobia Jazz mas com outros elementos e com cedências sucessivas às autoridades coloniais. Mantiveram, no entanto, o crioulo como língua-base, ainda que certas canções tenham visto a letra perder a força e amoldar-se à situação difícil de então, e as canções novas contradizer o que diziam as antigas.

«A intervenção maior chegou quando fomos presos. Foram descobertas as nossas actividades, e eu e o Bari fomos presos. Houve tam-



bém, desde o início, a participação do Duko Castro Fernandes. Simplesmente não foi uma participação permanente porque ele já estava como sargento no exército colonial e só esporadicamente trabalhava connosco nesse sentido. Eu fui preso em 29 de Maio de 1972, o Aliu Bari 29 dias depois. O Castro Fernandes fora já preso nos princípios de Maio».

«...Na Ilha das Galinhas tínhamos uma maior liberdade de movimentos. Trabalhávamos durante o dia ao ar livre e só à noite éramos fechados. Havia também uma vida comunal. Éramos vários camaradas. Posso dizer que foi aí que eu adquiri uma consciência política efectiva aprendendo com os camaradas combatentes que tinham sido aprisionados e com os camaradas da clandestinidade que já tinham experiência de anos de prisão. Da clandestinidade tínhamos o tio Malam Daramé e vários outros...».

Entretanto, em Bissau, continuava a actuar o Cobia Jazz mas com outros elementos e com cedências sucessivas às autoridades coloniais. Mantiveram, no entanto, o crioulo como língua-base, ainda que certas canções tenham visto a letra perder a força e amoldar-se à situação difícil de então, e as canções novas contradizer o que diziam as antigas.

Com o evento do 25 de Abril de 1974 e a libertação completa da nossa terra uma nova situação surgia. José Carlos explica:

«...Os conjuntos eram guiados pelo intuito de fazer sucesso e esse sucesso tinha que se circunscrever às necessida-

des do público. O público exigia um determinado conteúdo».

«Mas aí, naturalmente, chegamos a um impasse. Havia que passar a um nível superior de qualidade das letras e da música. A nível da música notava-se que não podíamos continuar só na base de cantar as palavras de ordem do Partido, tal como eram aprendidas. Haveria que fazer o que eu considero a interpretação ou a reinterpretação das palavras de ordem segundo as realidades quotidianas. É necessário enriquecer essas palavras de ordem com exemplos práticos. Mas isso exigia que o compositor tivesse maior cultura política e também estivesse engajado no processo».

— Foi com essa orientação que fizeste as tuas canções mais redentes?

«Sim. Eu tive tempo, logo após deixar o Cobia, e durante quatro meses, para sintetizar a minha curta experiência. Concluí que havia que estar atento e fazer uma análise nova e profunda das realidades que estávamos vivendo. Essa análise crítica tendo como base os princípios e a ideologia do Partido, reelaborá-la e expressá-la como uma linguagem acessível que fosse ajudar em alguma coisa à elevação do nível da consciência política das populações e para a mobilização nas tarefas prioritárias de reconstrução nacional».

«Naturalmente que as minhas canções, a partir desse momento, incidiram numa certa crítica a aspectos da moral. Mas isso faço-o segundo aquilo que o camarada Cabral disse em dado momento: No quadro geral da luta quotidiana, quaisquer que sejam as dificuldades

apresentadas pelo inimigo, a luta contra as nossas próprias fraquezas é necessidade constante».

«...«Mas para tudo isto é necessário que o compositor estude. Que tenha maior cultura política possível e também cultura humanística profunda, para que possa compreender, correcta e efectivamente, o processo. A cultura é que o levará a conseguir condensar as necessidades mais prementes das massas e conseguir expressá-las».

A política da Guiné Melhor foi, como sublinhara o nosso líder imortal, uma política de sorriso e de sangue, uma política de falsas concessões e de crimes abomináveis.

Antes desta política, o general KAÚLZA DE ARRIAGA definira em 1966-67 o objectivo fundamental da política colonial portuguesa que perpetuaria a exploração das nossas terras: Em primeiro lugar, aumento da população branca, em seguida, limitação da população negra.

O sinistro General, convencido do mito da extrema fecundidade do Africano, revelou cruelmente nas suas Lições de Estratégia dos Cursos do alto comando, que a limitação da população negra não seria feita através de pílulas anticoncepcionais. Isto significa que a limitação da natalidade seria feita mediante o recurso a massacres das populações negras.

O General Kaúlza que considera o africano um ser inferior não podia ter problemas de consciência. O racismo primitivo era outra característica do colonialismo português. Nas referidas Li-

## quem foi

José Carlos Schwartz morreu a 27 de Maio de 1977, quando o avião em que se deslocava se despenhou ao aterrar no aeroporto de Havana. José Carlos era o Encarregado de Negócios da Guiné-Bissau em Cuba.

28 anos viveu aquele que foi o pioneiro da música moderna guineense. Compenetrado da importância da música e da poesia na mobilização das massas para a expulsão dos colonialistas, José Carlos — utilizando estas armas — empenhou-se inteiramente na luta de libertação nacional, na Zona 0 (Bissau) o que lhe valeu conhecer as masmorras da PIDE: esteve preso de 18 de Maio de 1972 a 29 de

O crioulo é antes tese cultural elaborada sob opressão, tal como o social da sociedade. É a reconversão cultural do veículo cultural do colonial, integrada e enriquecida com elementos culturais autóctones, científicos, filosóficos, geográficos.

ções o General defendeu esta tese: A subversão é uma guerra sobretudo de inteligência. É preciso ser muito inteligente para fazer a subversão não importa quem a faça. Ora, os povos negros não são muito inteligentes, pelo contrário, de todos os povos do mundo são os menos inteligentes. (Fim da citação)

Racismo primitivo, repressão desenfreada, massacres de populações constituíam características das guerras coloniais portuguesas.

Em Maio de 1968 o facinoroso SCHULZ foi substituído no cargo de «Governador» pelo famigerado Spínola.

Após constatação do fracasso de Schulz na sua vã tentativa de liquidar a heróica luta do PAIGC, o General Spínola, confiante na perspectiva do reforço de meios humanos e de ajudas materiais de aliados do Governo Colonial português, prometeu parar a nossa luta em apenas seis meses.

Seguindo orientações do nosso PARTIDO, o P.A.I.G.C., as gloriosas Forças Armadas Revolucionárias do Povo redobram as suas acções e assestaram golpes ainda mais duros ao inimigo.



# A linguagem popular

## José Carlos

Abril de 1974 na Ilha das Galinhas.

Depois da libertação completa do País, José Carlos exerceu as funções de Director do Departamento de Arte e Cultura do então Sub-Comissariado da Juventude e Desportos e responsável pelo Departamento de Cultura, Desporto e Recreação da Comissão Política da JAAC.

Dizia José Carlos que «em política como em arte é válido o que a nossa experiência nos ensinou durante a fase de mobilização para a luta de libertação nacional: há sempre que considerar antes de tudo, a satisfação das necessidades imediatas das massas».

mais nada uma situação semelhante é a síntese final. Impõe-se assim do próprio crioulo, tímidos, em língua nãquecida pelos valores típicos, e pelos conceitos e técnicos estran-



Elemento disponível para a obra grandiosa — construção de uma sociedade nova, identificando-se com os problemas fundamentais e as aspirações dessa sociedade, José Carlos, não limitava as suas actividades à música e a poesia. Era um estudioso e, por isso,

com um já bem alicerçado conhecimento geral como o demonstram as considerações sobre o cinema, que teceu através da nossa edição de 18 de Novembro de 1976. O pretexto fora uma semana do filme chinês, então realizado.

«Como quanto ao con-

teúdo ideológico dos filmes, não se fizeram referências de maior importância, as minhas considerações irão fundamentalmente incidir sobre o que mais se põe em causa: o nível artístico da forma. Não querendo de modo algum separar esta do conteúdo sobre o qual influi, e activamente, mas pelo o qual necessariamente é determinada.

Que dizer pois de um cinema que quanto a alguns de nós utiliza uma imagética demasiado ingénua, demasiado... «xarope», com total ausência de subtilezas de linguagem?

Em que medida poderá esse cinema servir o público?

Achamos oportuno contrapor uma outra pergunta para responder a estas:

Que dizer de um cinema cuja linguagem directa e clara, veicula para as massas todos os indicativos necessários à aquisição de uma consciência revolucionária, de uma moral proletária, de um humanismo novo, propiciando-lhe simultaneamente a elevação do seu nível cultural?

Dizia Brecht que «não há arte nova sem objectivo novo». O objectivo

novo é a pedagogia. Que dizer pois de um cinema eminentemente pedagógico? E que para mais, como o preconizou Mao Tsé Tung, «parte do nível das massas»?

Mas, poderemos talvez fazer a este respeito, considerações mais precisas tomando o nosso caso concreto. Perante a nossa preocupação em erradicar um dos veículos de alienação cultural, diremos mesmo de penetração ideológica constituído pelo tipo de filmes que são distribuídos no nosso país notamos o seguinte: sempre que são programados filmes de Western (com maior proeminência para o Western-Spaghetti, muito mais espectacular) ou Karaté, as salas de cinema abarrotam; quando são apresentados filmes de elevado nível ideológico e artístico, os lugares chegam e sobram. O que se passa é que se...

O que se passa mais uma vez é que não se partiu do nível cultural das massas.

É que em política como em arte é válido o que a nossa experiência nos ensinou durante a fase de mobilização para a luta de libertação nacional: há sempre que considerar antes de tudo,

a satisfação das necessidades imediatas das massas.

A arte (o cinema em particular) para ser útil às massas precisa antes de mais, passar pela vulgarização, o que fará mais premente que a sua linguagem seja directa, clara e acessível, de modo que os valores que veicula sejam apresentados sem quaisquer ambiguidades às massas. E que tal esforço vise a elevação do seu nível de politização, do seu nível cultural, mobilizando-as para a acção quotidiana de transformação das suas realidades, fornecendo-lhe simultaneamente os instrumentos de análise necessário ao desenvolvimento dessa acção.

A subtileza e requinte da linguagem em arte tanto ao gosto dos intelectuais (alguns...) não conseguem penetrar, mobilizar, unir e galvanizar as massas. Elas próprias, conteúdo dinâmico da arte e da cultura, só a elas pertencerá determinar a linguagem apropriada.

A pouco e pouco elas próprias exigirão o aumento do nível artístico e ideológico das obras que lhe são dadas desfrutar».

## A política da Guiné melhor

Rapidamente, Spínola apercebeu-se do seu erro e reconheceu a impossibilidade de liquidar a nossa luta exclusivamente com meios militares.

O próprio Chefe do Governo Português de então, Marcelo Caetano foi mais longe e admitiu que «só um milagre poderia mudar a situação» em que se encontravam os colonialistas no nosso País!

Era já um passo, mas bastante insuficiente, para o reconhecimento público pelo Governo Colonial da irreversibilidade do fenómeno da descolonização.

Foi neste contexto que o famigerado Spínola que se evidenciara em Angola na planificação de operações terroristas contra as populações e guerrilheiros, inaugurou espectacularmente a política da «Guiné Melhor».

Pensando dirigir-se ao que denominava substrato psicológico das populações, elaborou duas táticas visando ambas a concretização do seu objectivo estratégico — a liquidação do PAIGC e da sua luta gloriosa.

Assim, por um lado, difundiu falsas gentilezas às populações dos

centros urbanos ainda ocupados, fez concessões nos planos social e religioso criando escolas, postos sanitários, mesquitas, etc., organizou visitas a Portugal, proclamou igualdade de todos os homens perante a lei e perante Deus, criou e serviu-se dos chamados «Congressos de Etnias» para implementar de novo pretensos ódios tribais desaparecidos. Militarizou as populações sob controlo colonial, criando milícias e os ditos Comandos Africanos cujos Chefes impôs galões fantochizando-os etc.

Enquanto isto, apresentou os guerrilheiros como filhos transviados que todavia deviam regressar a casa para participarem à sombra da «bandeira verde-rubra» na construção de uma «Guiné Melhor que era a de ontem e que é a de hoje».

Por outro lado, intensificou bombardeamentos às zonas libertadas, multiplicou assaltos terroristas às populações libertas, violou fronteiras dos países vizinhos exercendo represálias sangrentas, tentou aliciar dirigentes do Partido na vã tentativa de dividir a sua Direcção, organizou

e mandou executar invasão à República da Guiné para tentar destruir o regime de Seko Turé e o PAIGC, mobilizou agentes e tentou liquidar os dirigentes do Partido e consegue finalmente que um punhado de traidores façam desaparecer fisicamente o nosso saudoso Amílcar Cabral.

Tal política, assim caracterizada foi com efeito concebida para ser de sorriso nos centros urbanos e de sangue nas regiões libertadas. O sorriso nos centros urbanos viria a ser mais tarde substituído pelo aumento da repressão.

Graças à clarividência política de Amílcar Cabral, à justa orientação do seu Partido, e à maturidade política do nosso Povo, maturidade forjada durante a vitoriosa luta do PAIGC, a política da «Guiné Melhor» não conseguiu desmobilizar os melhores filhos do nosso povo.

Apesar da propaganda escrita e radiodifundida, apesar dos métodos de Goebels adoptados pelos especialistas militares da informação, a psico-social não impediu que centenas de jovens tomassem consciência dos seus deveres patrióticos e se organizassem na

clandestinidade nos centros urbanos onde o inimigo tinha a sua criminosa máquina de repressão montada. E organizaram-se no País e no exterior.

O Spínola que abria as portas de prisões aquando dos primeiros tempos da política da Guiné Melhor, viu-se compelido a recorrer novamente a carcereiros da PIDE-DGS e a suspender o sorriso aumentando a repressão. Declarações sobre o paraíso nas Províncias Ultramarinas foram assim substituídas por ameaças a militantes clandestinos que, segundo Spínola, seriam severamente sentenciados se fossem detidos.

E muitos foram detidos pela PIDE-DGS. Entre eles José Carlos SCHWARTZ, Aliu Bari e Duko Castro Fernandes, todos, membros fundadores do conjunto Cobianna Jazz.

Estas prisões de patriotas africanos revelaram claramente a falência da política da «Guiné Melhor» e evidenciaram ainda a audiência, o prestígio, que o PAIGC vinha tendo cada vez mais no seio das populações controladas pelos colonialistas portugueses.

Audiência cada vez maior apesar de toda uma política demagógica caracterizada por constantes manobras ilusionistas, de promessas de «autodeterminação sob a bandeira portuguesa», isto é, de uma inútil autonomia de portugueses de 3.ª classe, de declarações pomposas sobre a revolução social e mesmo da possibilidade de realização do programa do PAIGC pelo general Spínola e a clique colonial.

Centenas de jovens organizados e a população dos centros urbanos sabiam que «pó, tudo tarda qui na tarda na mar, i ca ta bida lagarto».

O nosso povo entendeu claramente que a essência do colonialismo português persistiu com todas as suas taras e crimes.

Foi durante a famigerada política da «Guiné Melhor» que os incrédulos constataram que o Governo colonial perdera definitivamente a guerra na Guiné. Vastas áreas libertadas impediam de facto Portugal exercer o controlo político e administrativo na maior parte do território nacional, e as tentativas coloniais de reconquista não lograram êxitos. A luta do

PAIGC tinha já impedido o colonialismo de exercer a exploração na nossa terra porquanto, segundo um economista português, em 1973 o produto nacional bruto português, que era consumido na Guiné sem qualquer contrapartida, era já cerca de 20%.

Assim, tornou-se evidente que nenhum crime, nenhuma demagogia podia impedir a independência total do nosso país.

A política da «Guiné Melhor» que tudo tentou para recolonizar a Guiné, falhou devido à luta heróica do nosso povo sob a direcção esclarecida do PAIGC.

Muitos de nós que às vezes eram tentados a «miste pega trás di sol» acabaram por desistir, recusando, porque aí nunca seriam reconhecidos. Na verdade «Lua qui di nós». Foi a afirmação da nossa identidade de africanos, afirmação da nossa capacidade de conduzir os nossos destinos na Paz, Progresso e Felicidade, o que só poderia ser feito sem tutela colonialista ou neocolonialista, que nos galvanizou.



# Amilcar Cabral A diferença entre cultura e manifestações culturais

Uma apreciação correcta do papel da cultura da pré-independência ou da libertação exige que se faça uma nítida distinção entre cultura e manifestações culturais. A cultura é a síntese dinâmica, ao nível da consciência do indivíduo ou da colectividade, da realidade histórica, material e espiritual, dum sociedade ou dum grupo humano, das relações existentes entre o homem e a natureza, como entre os homens e as categorias sociais. As manifestações culturais são as diferentes formas pelas quais esta síntese se exprime, individual ou colectivamente, em cada etapa da evolução da sociedade ou do grupo humano em questão.

Verificou-se que a cultura é a verdadeira base do movimento de libertação, e que as únicas sociedades que podem mobilizar-se, organizar-se e lutar contra o domínio estrangeiro são as que preservam a sua cultura. Esta, quaisquer que sejam as características ideológicas ou idealistas da sua expressão, é um elemento essencial do processo histórico. É nela que reside a capacidade (ou a responsabilidade) de elaborar ou de fecundar elementos que assegurem a continuidade da história e determinem, ao mesmo tempo, as possibilidades de progresso ou de regressão da sociedade.

Compreende-se assim que, sendo o domínio

imperialista a negação do processo histórico da sociedade dominada, é necessariamente a negação do seu processo cultural. Também — e porque uma sociedade que se liberta verdadeiramente do jugo estrangeiro retoma os caminhos ascendentes da sua própria cultura — a luta de libertação é, antes de mais, um acto de cultura.

(...) Daí a necessidade, para o movimento de libertação, de conceder uma importância primordial não só as características gerais da cultura da sociedade dominada, mas também às de cada categoria social. Embora tenha um carácter de massa, a cultura não é uniforme, não se desenvolve igualmente

em todos os sectores, horizontais ou verticais, da sociedade.

A atitude e o comportamento de cada categoria ou de cada indivíduo face à luta e ao seu desenvolvimento são, certamente, ditadas pelos seus interesses económicos e também profunda-

mente influenciados pela sua cultura. Pode-se mesmo afirmar que é a diferença dos níveis de cultura que explica os diferentes comportamentos dos indivíduos dum mesma categoria social face ao movimento de libertação. É neste plano, portanto, que a cultura

atinge todo o seu significado para cada indivíduo: compreensão e integração no meio social, identificação com os problemas fundamentais e as aspirações da sociedade, aceitação ou negação da possibilidade dum transformação no sentido do progresso.

## Bob Marley o mensageiro universal

Por uma feliz coincidência, o mês de Maio registou a homenagem simultânea a duas grandes figuras musicais do nosso tempo: José Carlos Schwartz e Bob Marley.

Os dois homens têm também em comum o facto de pertencerem a um mesmo espaço geográfico-cultural, o chamado Terceiro Mundo, que entrou mais tarde na história devido à dominação imperialista de que foram vítimas os seus povos.

A música que os tornou famosos, buscou igual matéria no rico património popular. Mas como artistas que eram, transformaram essa matéria bruta numa nova musicalidade, produto também das realidades do seu tempo, dando-a uma nova dimensão.

Mas se Zé Carlos não ultrapassou, por razões evidentes, os limites nacionais, Bob Marley esse foi um «fenómeno» universal.

Sem ser o inventor da música «reggae», Bob Marley projectou-a contudo a um nível alto, a ponto das suas composições serem retomadas por músicos de outros continentes, nomeadamente na Europa onde, graças também as virtudes da publicidade, galgam os cumes do sucesso.

Esta popularidade do «reggae» deve-se também à sua composição tridimensional: raiz africana, formulação ocidental e origem latino-americana. Contudo, a força do «reggae» vem sobretudo do facto de que ele é a expressão musical dum grupo social marginalizado (os descendentes dos descendentes de escravos africanos) — os Rastas, possuidores de um suporte cultural.

Marginalizados, portanto explorados, reivindicam uma vida melhor num mundo diferente, que pensam encontrar em África, o continente onde se luta, onde há perspectivas. O mérito de Bob Marley foi pre-

cisamente o ter-se identificado com este ideal de justiça que, por ser autenticamente popular teve dimensão universal.

particular a África) que «as crianças devem ser informadas (Tell the children the truth), pondo-as ao corrente da história



«UM COMPATRIOTA NEGRO-AFRICANO»

Nós todos ouvimos Bob Marley, mas nem todos o sentem. Carlos Madeira, um jovem de 20 anos de idade, vulgarmente conhecido por Bob Madeira, vai ainda mais longe, pois interpreta as canções do «rei do reggae».

Numa carta que enviou a «BAMBARAM», Bob Madeira descreve o seu encontro com Marley e a sua mensagem:

«Não esquecendo que o «reggae» (música criada pelos negros habitantes do ghetto na Jamaica) possui raízes africanas, Bob Marley combateu o imperialismo e outras formas de sugar o sangue do negro (Babylon System is the vampire).

Decidi transmitir aos filhos da nossa terra o que é o «reggae» e quem foi Marley até os anos 80, o que é muito importante, pois ele nunca nos esqueceu nas suas melodias, quando alertava o Terceiro Mundo (em

dos nossos pais, para que não tenham medo da energia atómica, porque os seus donos não podem parar o tempo.

Até certo ponto, chego a considerar Bob Marley um Deus da música «reggae», um compatriota negro e uma marca escura gravada no coração de Bob Madeira.

Bob Marley, aliás Robert Nesta Marley, conheci-o em 1979, num filme que rodara em «video» em casa dum amigo. A primeira vez que o vi e escutei a sua música, o sangue gelou-me nas veias e o orgulho de ser negro-africano invadiu-me. A partir desse instante, entendi que devia tentar saber quem ele era, donde veio e o porquê da sua actividade.

Muito cedo acabei por compreender que me alertava para o perigo de uma destruição total da minha vida e de todas as outras vidas (Survival), da ameaça atómica».

(Bob Madeira)

## Noção de tribo

intitulado «Trib's men» (Os homens das tribos), o autor baseia-se, essencialmente, na mesma tese. «A humanidade, afirma ele, passa por quatro estados: bando, tribo, regulando, Estado». O Estado será a etapa mais civilizada. Segundo ele, a África jamais ascendeu à noção de Estado.

No dossier «Afrique» 1977, lê-se também que a partilha de 1885 em Berlim serviu para organizar a África através da integração de comunidades muito pequenas em grandes conjuntos.

Isso pretende fazer crer que o Mali, o Songhay, o Monomotapa, o Kanem-Bornu, e o Congo não eram Estados. Ora, por exemplo, o Kanem-Bornu tinha um território com o dobro da superfície da Inglaterra. No seu apogeu estendia-se até ao Nilo, e ia do sul-líbio até ao norte do actual Camarões. Quanto ao Songhay, começava na costa atlântica para terminar nos confins do mar do Air no actual Níger.

Por outro lado, se se considera que a noção de Estado implica uma organização administrativa, esta existia nos grandes reinos. O Tchad nasceu a partir de Kanem-Bornu. Neste império, havia um Conselho de Estado composto por doze príncipes: o primeiro governava a capital, o segundo e o terceiro administravam províncias, o quarto era ministro dos exércitos e general em chefe, o quinto governava uma outra província, etc...

Também havia um departamento de finanças que superintendia os impostos, os tributos: um departamento da justiça que harmonizava os usos muçulmanos com os costumes locais. Tratava-se pois de um Estado. Não há nenhuma ambiguidade a este respeito. Através da descentralização, comunidades diferentes eram integradas. Os príncipes que governavam as províncias tinham uma competência particular para o fazer.

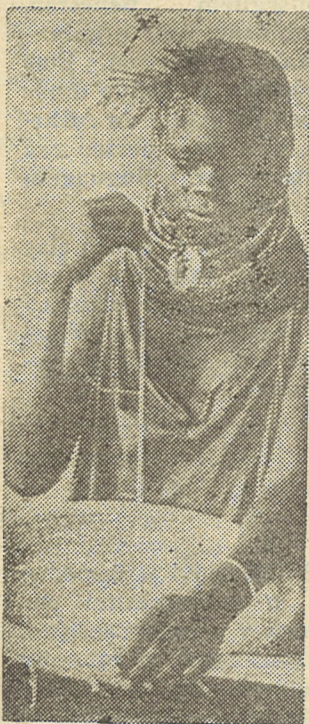
Dois tipos de sociedades existiam na África tradicional: uma estava organizada pelo parentesco, a outra seguindo a linha trans-étnica.

A organização pelo parentesco podia ser encontrada sobretudo nas regiões de florestas, enquanto que cidades como Tumbuctu, Djenné, Gao, Kumasí, Zimbábwe eram constituídas por uma mistura de etnias.

O Estado africano não era semelhante ao Estado-Nação da Europa. Ele respeitava as particularidades regionais das comunidades. Nas assembleias as regiões eram apresentadas como tais. Não havia centralização, mas um respeito pelas especificidades. Por outras palavras, o Estado integrava mas descentralizava.

### ESSOME KETO EBENEZER

ESSOME KETO EBENEZER In «Afrique Histoire» n.º 2 — 1981 (I) A UNESCO banuiu o termo tribo da História geral devido à conotação pejorativa que o colonialismo lhe deu.



«De que tribo és tu?»

TRIBO é uma palavra constantemente empregue para se falar de grupos humanos em África. Surgiu, assim, um livro intitulado «De que tribo és tu?». Ora a palavra tribo é a mais irritante que a palavra raça (1). Jamais terá sido utilizada para se referir a Europeus. Sob a colonização, a Administração misturava facilmente, nos seus papéis referentes ao Estado civil dos Africanos, as palavras raça e tribo.

Nos finais do século passado, Levis Morgan tentou propôr a seguinte definição do termo tribo: «É uma sociedade organizada que ilustra a condição da humanidade no estado bárbaro»...

Esta conotação pejorativa continua a ser utilizada por certos antropólogos. Num livro



cial que permita uma maior participação popular nos destinos do país, a si-  
o, foram alguns dos pontos abordados na entrevista que o Presidente Raw-

país com a Líbia, considerado um aliado natural do Ghana. Por outro lado  
Rawlings afirmou que o seu país está preparado para enfrentar qualquer tipo

rnantes africanos. «Eles farão tudo para subverter a situação aqui, por isso nós  
caminhemos em frente», afirmou a propósito.  
sencial da entrevista.

# irados contra de agressão

na (AIM/Nô Pintcha)

orientações. Contudo, chegará o tempo em que  
s, como indivíduos, iremos irrelevantes. Os  
DC's podem ser os no-  
s órgãos de poder pa-  
dirigir o país. Serão  
es os órgãos através  
s quais o povo partici-  
pa na tomada de deci-  
ões. Penso que eles se  
envolverão nessa di-  
cção. A revolução não  
de ser levada a cabo  
m organização. Vejo-os  
mo as estruturas de  
der no futuro. Para  
so têm de crescer, as-  
mbrar as suas responsa-  
lidades, o seu papel.  
AIM — Falando agora  
o PNDC (Conselho Na-  
onal Provisório de De-  
sa). Qual o seu papel  
qual será no futuro.  
ando falo com as pes-  
as em Accra respon-  
m-me invariavelmente  
que se trata da «ac-  
al estrutura de poder  
m se saber muito bem  
suas tendências inter-  
s»...

Rawlings — Ninguém  
tá habilitado a predi-  
r o futuro desenvolvi-  
ento na nossa estru-  
ra. Não podemos for-  
cer uma resposta  
acta. Temos de come-  
r de uma experiência  
ncreta do nosso povo  
e, contrariamente ao  
e aconteceu em Mo-  
mbique, tem pouca ex-  
iência em termos de  
a revolução quom-  
ana. Claro que o nos-  
povo tem a experiên-  
da luta anti-colonial  
da edificação de uma  
ganização progressista.  
as os grupos que for-  
am agora uma frente  
ida — organizações  
gressistas como o  
vo Movimento Demo-  
ético, a Liga Revolu-  
nária Popular, e so-  
etudo, o grupo mais  
portante, os jovens  
ciais subalternos pro-  
essistas no seio do  
ército — nós não te-  
s experiência de tra-  
lho colectivo numa  
a revolucionária. Por  
o não é fácil, não te-  
os o que desejaríamos,  
na direcção unida. Te-  
os todas essas tendên-  
as e é importante ad-  
irmos experiência de  
balho colectivo. Te-  
os esta estrutura, o

PNDC, que é um órgão  
provisório. A medida que  
a revolução se desenvol-  
va que a luta progrida,  
surgirão órgãos concre-  
tos às necessidades da  
revolução.

Penso que a 6 de Mar-  
ço, aniversário da inde-  
pendência, será o mo-  
mento apropriado para  
fazer compreender às  
massas que os órgãos de  
decisão final serão os  
PDC's. Nessa altura o  
PNDC deixará de exis-  
tir. As pessoas têm que  
tomar a sério o papel dos  
PDC's e eliminar no seu  
seio os infiltrados. As  
responsabilidades têm de  
recair sobre eles. Algu-  
mas pessoas já tomaram  
consciência disso devido  
à própria denominação  
de «Conselho Provisó-  
rio». Existe, porém, ain-  
da uma concepção gene-  
ralizada de que é um  
homem todo poderoso  
que de cima do seu pe-  
destal deve dirigir e con-  
trolar tudo. Mas chegará  
o tempo em que o povo  
tem que tomar o destino  
nas suas próprias mãos.

AIM — A situação  
económica no Ghana é  
desesperada e isto tor-  
na-o vulnerável às pres-  
sões externas. Quais são  
as medidas mais impor-  
tantes a tomar a curto e  
médio prazo?

Rawlings — Concerte-  
za que pode observar  
esta situação. Os preços  
altos das mercadorias  
continuarão ainda por al-  
gum tempo. Não temos  
controlo sobre isso. Mas  
no respeitável à produ-  
ção estamos a exercer  
esse controlo na medida  
do possível. Os estudan-  
tes estão envolvidos em  
actividades produtivas,  
fazendo o escoamento  
do cacau. Mas no que  
respeita à situação ali-  
mentar, não o seremos  
verdadeiramente inde-  
pendentes se não atin-  
girmos a nossa autosu-  
ficiência. Grande ênfase  
terá de ser dada a esta  
problemática e temos  
que nos concentrar to-  
dos no desenvolvimento  
da agricultura. Temos  
também variados recur-  
sos naturais sob os  
quais não exercemos  
controlo, isto é riqueza

que deve ser controlado  
pelo nosso próprio povo.

AIM — Existem alguns  
sectores económicos im-  
portantes sob controlo  
estatal assim como um  
desenvolvido sector es-  
tatal de serviços. Estes  
sectores não funcionam  
porque estão completa-  
mente enfeudados à cor-  
rupção. Como resolver  
este problema e trans-  
formá-los em estruturas  
e mecanismos eficien-  
tes?

Rawlings — Não há  
dúvida que uma das op-  
ções será socializar a  
concepção de gestão. Te-  
mos de transformar es-  
ses sectores na perspec-  
tiva em que os traba-  
lhadores não mais se  
sintam escravos, mas  
sintam o valor das suas  
tarefas. Tem que o sen-  
tir na carne, tem que  
sentir que lhes pertence.  
Tem de ter direito à pa-  
lavra, saber como é uti-  
lizada a riqueza que eles  
criam. Eles têm que ter  
o controlo. Não pode-  
mos prolongar este  
«non-sense» sem saber-  
mos o que acontece ao  
produto final.

AIM — O que implica  
um certo tipo de organi-  
zação, certas estruturas  
do país... Rawlings —  
Certo. Certo. Penso que  
as coisas não estão ain-  
da tão dramáticas. Temos  
ainda cidadãos suficien-  
tes neste país capazes de  
o transformar.

AIM — Mas que papel  
desempenha Líbia no  
auxílio ao vosso país, ao  
nível económico, p o r  
exemplo?

Rawlings — Nós acei-  
temos qualquer tipo de  
assistência desde que  
não nos prive da nossa  
verdadeira independên-  
cia, qualquer tipo de  
ajuda que complemente  
os nossos próprios ob-  
jectivos. Os esforços pe-  
la verdadeira independên-  
cia, qualquer tipo de  
país africano correspon-  
dem às aspirações de to-  
dos os povos africanos.  
Ao oferecer-se para nos  
apoiar, a Líbia está a  
cumprir não só o seu de-  
ver com África, mas um  
dever para consigo pró-  
pria.

# Opinião: A política israelita é uma ameaça à paz mundial (conclusão)

Por Milan Péric

Fica-se com a impres-  
são que faz questão  
mais que o seu prede-  
cessor, de tomar parte  
nas actividades do mo-  
vimento dos países não-  
alinhados. Logo após a  
tomada de posse nas  
suas funções de presi-  
dente, ele atenuou a si-  
tuaçao na fronteira egíp-  
cio-líbia, o que é cer-  
tamente uma modifica-  
ção importante.

Não houve até agora  
outras mudanças no  
sentido de melhorar as  
relações com os países  
árabes, mas isso não tem  
nada de surpreendente,  
se tivermos em conta a  
situação complexa que  
reina no mundo árabe,  
no Médio-Oriente e em  
seu redor. É necessário  
que passe mais tempo a  
fim de que as iniciati-  
vas tomadas neste cam-  
po pelo presidente Mou-  
barak possam dar resul-  
tados tangíveis. É neces-  
sário ver também um  
interesse estratégico na  
sua vontade de melho-  
rar as relações com a  
URSS, contrariamente a  
Sadate, que nunca se  
mostrou interessado.

Os observadores da  
política egípcia fazem  
ver que o actual gover-  
no se preocupa muito  
mais com a questão do  
equilíbrio das forças no  
Médio-Oriente. Por in-  
termédio do ministro de  
Defesa, o Governo egíp-  
cio declarou recente-  
mente que a supremacia  
militar de Israel pertur-  
bou de tal modo a rela-  
ção de forças do Médio-  
-Oriente, o que permite  
ao Estado judeico recor-  
rer a força cada vez  
que as conversações não  
lhe convenham.

Os esforços feitos por  
Moubarak para incitar  
os países do ocidente  
europeu a tomar parte  
nas tentativas que têm  
como fim normalizar a  
situação no Médio-Ori-  
ente e reforçar a sua  
presença no plano do  
armamento do Egipto e  
na sua economia, fazem  
concluir que mesmo de-  
sejando de se aproximar  
da política americana,  
deseja também promo-  
ver a colaboração do  
Egipto com outros paí-  
ses. De todas as formas,  
isso só poderá alargar o  
seu campo de acção po-  
lítica e melhorar a com-  
preensão da sua nova  
concessão em matéria  
de política externa.

A política de agressão  
permanentemente prati-

cada por Israel acabou,  
igualmente, por dar ra-  
zão, de um certo modo,  
mesmo à muito conser-  
vadora Arábia Saudita.  
Ressalta das declarações  
dos seus líderes que  
eles tomam mais em  
consideração o papel po-  
lítico da URSS e de ou-  
tros países socialistas  
no plano mundial, e  
mais particularmente no  
Médio-Oriente.

Tudo leva a crer que  
as reflexões que fazem  
em voz alta sobre o  
eventual estabelecimen-  
to de relações entre  
Ryad e Moscovo, têm,  
por enquanto, apenas o  
valor de uma advertên-  
cia aos Estados Unidos.  
Mas, dadas as posições  
até agora defendidas  
pela Arábia Saudita, é  
um gesto que não se  
pode menosprezar e se  
Israel persistir com a  
política que conhece-  
mos bem, como prova-  
velmente fará, não é de  
excluir a possibilidade  
de Arábia Saudita e ou-  
tros países do Golfo as-  
sumiram certas posturas  
políticas discordantes da  
concepção americana do  
«consenso estratégico»  
contra a URSS. No que  
respeita a Síria, o Yé-  
men do Sul e alguns ou-  
tros países árabes, a  
anexação do Golan já  
os incitou a promover a  
cooperação (incluindo o  
sector militar), com a  
URSS e outros países  
socialistas europeus.

A anexação do Golan  
não deixará certamente  
de radicalizar as posi-  
ções do mundo árabe.  
Os países da «frente de  
firmeza» opor-se-ão ain-  
da mais energicamente  
às conversações de paz  
com Israel, porque agir  
de outra forma equiva-  
leria à aceitação do pro-  
cedimento anexionista  
de Israel e à se recon-  
ciliar com a política de  
agressão. A anexação  
exercerá a influência  
análoga sobre os grupos  
radicais da OLP.

A anexação do Golan  
reduziu o campo de ma-  
nobra dos países árabes  
«moderados», favoráveis  
ao plano de paz do prin-  
cipe Fahd e enfraque-  
cem os seus argumen-  
tos, assim como o dos  
grupos e personalidades  
da OLP mais inclinados  
para os compromissos.  
São poucas as possibi-  
lidades de ver alguns  
países árabes «modera-  
dos» tomar agora parte  
no «processo de paz»

de Camp David, pois a  
sua participação seria,  
sem dúvida, interpreta-  
da pelos povos dos seus  
países como uma capi-  
tulação e traição dos in-  
teresses árabes.

É conveniente tam-  
bém sublinhar que a  
anexação do Golan não  
radicalizou somente os  
governos dos países  
árabes, mas também as  
camadas populares mais  
vastas destes países.  
Mas a experiência mos-  
trou (e não somente a  
do Irão) que os sobres-  
saltos e as transforma-  
ções no Próximo e Mé-  
dio-Oriente represen-  
tam mais como o resul-  
tado dos processos in-  
ternos do que por in-  
fluência do exterior. Os  
países amigos de Israel  
esforçam-se por ex-  
plicar estes sobressal-  
tos e estas transforma-  
ções pela ingerência  
dos seus rivais. A ane-  
xação do Golan cria  
um grave dilema para o  
presidente Mubarak, no  
Egipto e no mundo ára-  
be em geral.

Todas estas conse-  
quências não jogam a  
favôr dos EUA e dos  
países do ocidente eu-  
ropeu, que não abando-  
naram ainda a esperan-  
ça de ver a situação do  
Médio-Oriente normali-  
zar com base nos acor-  
dos de Camp David.

A resolução da As-  
sembleia Geral da ONU,  
adctada quase por  
unanimidade pelo fórum  
mundial mais universal,  
depois do voto america-  
no do Conselho de Se-  
gurança, não indica so-  
mente a opinião inter-  
nacional o perigo que  
representa para a hu-  
manidade a política  
agressiva de Israel, mas  
também, tendo em conta  
as condições que presi-  
diram à sua adopção, os  
perigos que acarretam  
para a comunidade in-  
ternacional a protecção  
concedida a esta políti-  
ca, protecção que é o  
resultado de uma con-  
cepção de bloco de dife-  
rentes padrões. Esta  
protecção representa  
hoje o problema chave  
de toda a problemática  
do Médio-Oriente e, pa-  
ra salvaguardar a paz  
nesta região e no mun-  
do a comunidade inter-  
nacional deve encontrar  
uma solução.

Até lá, não haverá e  
jamais poderá haver  
paz.



# Benfica—Sporting pela quarta vez nesta época

Enquanto na capital se vive a expectativa de mais um Benfica-Sporting, a quarta da época em curso, no leste é esperado com a mesma ansiedade o desfecho entre os vizinhos: Sporting de Bafatá e o Desportivo de Gabú. Um derby regional com carácter de desforra, já que na primeira volta o Gabú, no seu próprio campo, perdeu frente aos bafatenses por 3-1.

No entanto, em Bissau, para além do Ténis-Ajuda cujo resultado da primeira volta foi de 2-1, é aguardado com certo

nervosismo, entre os adeptos, o Benfica-Sporting (2-3) estando ainda bem fresca na memória de todos, a eliminação do Sporting da Taça por obra dos encarnados. Enfim um Benfica-Sporting ou Sporting-Benfica, independentemente do nível ou o momento que as duas formações atravessam, é sempre caracterizado pelo mesmo panorama: muito público, e muito entusiasmo. No entanto, fazemos votos que o nervosismo dos adeptos não contamine os «artistas no palco».

Por outro lado, por simples curiosidade, é de registar que as equipas não sofreram nenhuma derrota nesta segunda volta. O Benfica com dois empates: frente a UDIB, na 19.ª jornada, por 0-0 e frente ao Ténis, na 17.ª por 1-1, tem ascendência sobre o Sporting que somou quatro empates: frente ao Ajuda, na 17.ª jornada, por 1-1, perante o Estrela Negra de Bissau, na 19.ª jornada por 2-2, frente ao Estrela de Bolama, na 22.ª por 1-1 e o quarto no confronto com

o Desp. de Farim na última jornada por um nulo a zero bolas.

Com os olhos postos no resultado Benfica-Sporting, a UDIB terá como visitante o lanterna vermelha da tabela classificativa — o Atlético de Bissorã — (4-2 na primeira volta), enquanto o Estrela de Bissau defrontará o outro Estrela, o de Bolama (4-0). Outros jogos: Cantchungo-Balantas (2-0); Tombali-Bula (0-3 falta de comparência); Farim-Quinara (0-3 falta de comparência).

## O caso das bolas

O público tem contestado e com certa razão a moda agora em voga no «Lino Correia». O apito inicial do árbitro não se houve na hora marcada, devido às «señhoras» bolas que ora estão cheias em demasia ora vazias, portanto sem condições para a prática do futebol. Os comentários das bancadas têm tido como alvo a Federação já que só se dá conta de que as «bolas» não estão em condições depois da apresentação das equipas.

Então aparece um outro delegado à pro-

cura da bola ou de uma bomba porque a inspecção não foi feita antes das equipas saírem das cabinas...

O parágrafo único do artigo 48.º do Regulamento da Federação discrimina: «ao grupo visitado competirá sempre fornecer as bolas necessárias para o jogo, podendo o árbitro, no entanto, verificado que o grupo visitado não apresentou as bolas em condições regulamentares, escolher bolas do grupo visitante desde que estejam em melhores condições».

## Sporting de Bafatá na hora de mudança

A cidade de Bafatá, sobranceira ao Geba e com as suas características de elevações tão raras no país, apresenta, no seu conjunto, as estruturas desportivas um tanto ou quanto decadentes. Uma sensação de abandono, fruto de fracos recursos financeiros dos clubes do interior, nota-se no edifício da sede do clube local, na piscina, que outrora pertencera a colectividade e no cinema. Pelo facto tivemos uma conversa com o vice-presidente da Direcção, Fará Heneni. Na presente época, o Sporting de Bafatá tem feito «tremer» os seus adversários e encontra-se, ac-

tualmente, ombro a ombro com os grandes do futebol nacional.

Os problemas desta colectividade do Leste, bem como as relações dos clubes com a Federação Nacional mereceram uma apreciação por parte do Fará Heneni. Os árbitros, obviamente, estiveram na «berlinda» e o dinâmico dirigente dos «Leões do Leste» sugere que «os árbitros devem aplicar-se mais, pois podem ser chamados a actuar no estrangeiro e honrar o nosso país».

### OS CLUBES DEVEM DESEMBARAÇAR-SE

Fará Heneni nasceu há

48 anos em Bafatá. Entre as suas actividades profissionais entremeadas com os problemas do clube, encontramos o vice-presidente da Direcção do Sporting de Bafatá a suar por todos os poros e a tentar resolver «isto e aquilo» da vida do clube.

«Os clubes devem procurar desembaraçar-se pois que o subsídio da Federação não chega para nada. Eles (Federação) estão a lutar com dificuldades. No entanto, aguardamos que nos apoiem na beneficiação do estádio». A iniciativa do elenco dirigente em construir uma bancada

com lotação para mil pessoas, teve por parte do presidente da Direcção, Carlos Capé, um empréstimo ao clube no valor de cem contos. Para já a equipa de gestores conta com o apoio do Presidente do Comité de Estado da região, camarada Vasco Salvador Correia e do presidente do sector de Bafatá, camarada François Cumbassá, confirmou-nos.

O entusiasmo do público de Bafatá, o enquadramento dos jovens e os projectos foram analisados nos seguintes termos: «estamos a ten-

tar ambientar os nossos atletas. Devem ter amor à camisola que envergam e serem disciplinados. O público está exigir muito, pois que conseguimos mobilizar a população a contribuir para o avanço do desporto na região. Para o ano, contamos dinamizar algumas modalidades para além do futebol. Temos algumas dificuldades. O cinema não funciona há 2 anos. Na nossa agenda contamos reparar a sede do clube a fim de oferecer condições aos clubes que nos visitam, pois que pensamos que deve haver união entre os clubes com vista ao desenvolvi-



Fará Heneni

mento do desporto. Entretanto, propomos já que o estádio seja denominado Estádio Amílcar Cabral, e, estamos a aguardar a autorização superior. É uma homenagem que se presta à terra onde nasceu o militante número um do nosso Partido».

## Anúncios

### AVISO

São avisados os credores das Empresas Socovias — Empresa Técnica de Obras e Vias Públicas, Lda. e Sociedade Técnica e Industrial de Construções, Lda. — Tecnil, que deverão apresentar no prazo de noventa dias, a contar da data deste anúncio, as facturas ou outras provas de dívida nos escritórios da Sociedade de Construções Soares da Costa, SARL, na Rua de Cacheu em Bissau, para efeitos da sua liquidação.

Avisa-se a todos os departamentos estatais, empresas públicas e privadas e ao público em geral, de que o horário do funcionamento do guichet da Secretaria da Direcção-Geral de In-

formação do Ministério da Informação e Cultura para aceitação de avisos e comunicados para difusão através das antenas da Radiodifusão Nacional bem como para concessão de licenças para bailes e espectáculos, é como se segue.

Avisos e Comunicados (a)

De Segundas aos Sábados:

1.º Período:

Das 07h30 às 12h00

2.º Período:

Das 15h00 às 17h00

Sábados (período único):

Das 07h30 às 11h00

a) — Só em casos de falecimento e de comprovada urgência, serão aceites no guichet da

Secretaria desta Direcção-Geral.

Licenças para bailes e espectáculos:

De Segundas às Sextas-Feiras:

1.º Período:

Das 07h30 às 12h00

2.º Período:

Das 15h00 às 17h00

Para que não aleguem ignorância se faz este e outros de igual teor que serão afixados em lugares públicos, sendo um exemplar enviado à Rádio, para efeitos de difusão.

### MUDANÇA DE NOME

Nos termos da alínea b) do n.º 1 do Artigo 368.º do Código do Re-

gisto Civil, faço saber que Hilário Samba Baldé, solteiro, de 60 anos de idade, lavrador, natural de Xitole, Região de Bafatá, onde reside, de passagem por Bissau, filho de Quejerá Baldé e de Botche Sané, ambos já falecidos, requer a alteração da composição de seu nome fixado no assento de nascimento para Samba Baldé.

São por isso, convidados todos os interessados a deduzirem a oposição que tiverem no prazo de 30 dias a contar da data da publicação deste anúncio no jornal «Nó Pintcha».

### AGRADECIMENTO

Bala Djaló, mãe e irmãos, vêm por este meio apresentar os seus agra-

decimentos a todos os familiares, amigos e conhecidos, que de qualquer modo puderam tes-

temunhar os seus pesares pela perda do seu querido pai Iaiá Djaló em Dakar.

## Farmácias

HOJE — Farmácia Moderna, Rua 13 de Setembro, telefone 2702.

AMANHÃ — Farmedi n.º 2, Bairro de Belém, telefone 3473.

Segunda-Feira — Farmácia Higiene, Rua António M'Bana, telefone 2520.

Terça-Feira — Farmedi n.º 1, Rua Guerra Mendes, telefone 2460.

## Cinema

Matinée — Triângulo do Ouro

Soirée — Doce Refém



## Primeiro-Ministro no Tchad

Djidingar Dono Ngardoum foi nomeado oficialmente Primeiro-Ministro do Tchad na quarta-feira pelo presidente do Governo de União Nacional de Transição do Tchad (G.U.N.T.), Goukouni Weddeye, por proposta de Conselho de Estado, criado uma semana antes, com o objectivo de reestruturar a vida política do país.

O novo Primeiro-Ministro foi ministro dos Trabalhos Públicos, Correios e Telecomunicações e da Agricultura durante o regime do falecido presidente Ngarta Tombalbaye derrubado em 3 de Abril de 1975 por um golpe de estado militar.

Djidingar fundara recentemente um partido político, constituído tanto por pessoas do sul como do norte do Tchad.

Segundo a «Declaração de N'Djamena», que decidiu a criação, a 8 de Maio, do posto de Primeiro-Ministro, este terá possibilidade de constituir uma nova equipa governamental. A nomeação de Djidingar registou-se após uma semana de negociações entre a presidência do G.U.N.T., o Conselho do Estado e as diferentes tendências político-militares do Tchad.

## Angola: A batalha económica

Obrigado a suportar uma guerra de agressão na sua fronteira sul, Angola trava igualmente uma batalha difícil na frente económica, nomeadamente para endireitar uma situação alimentar precária.

A economia do país, potencialmente rica, tem sido bastante prejudicada pelo esforço de guerra que absorve mais da metade do orçamento, enquanto os seus recursos vêm-se amputados dos pelo marasmo do mercado mundial de petróleo.

Nesta economia de guerra, o sector industrial funciona abaixo das suas possibilidades. As dificuldades financeiras e de transportes provocam nomeadamente a carência de matérias-primas e de peças sobressalentes. Estes problemas, mais as carências administrativas, particularmente no domínio do comércio interno, explicam em grande parte as penúrias alimentares de que sofre o país.

Além disso, grande parte das terras férteis não são exploradas, quer por razões de insegurança, ausência de quadros ou simplesmente devido à falta de motivação dos camponeses.

Os responsáveis angolanos consideram hoje que o problema alimentar é uma prioridade e que medidas urgentes devem ser tomadas. Não admira assim que o presidente José Eduardo dos Santos tenha demitido no princípio deste mês o ministro do Comércio Interno, Manuel Alexandre Rodrigues, e tenha nomeado um vice-ministro da Agricultura encarregado dos problemas do café.

Com efeito, nas plantações de café no norte e no sudeste de Luanda, já duramente atingidas pelos combates aí travados durante a segunda guerra de libertação em 1975, a partida de cerca de 30 mil quadros portugueses provocou uma baixa de produção. Assim, a exportação de café, a segunda fonte de divisas do país depois do petróleo, caiu de 240 mil toneladas antes da independência para 15 a 20 mil toneladas em 1981.

Hoje cerca de 90 por cento das receitas de exportação de Angola provêm do petróleo, mas as reduções registadas no mercado internacional amputaram as receitas petrolíferas em mais de 600 milhões de dólares em

1981 em relação às previsões que se elevavam a 2 bilhões de dólares.

Angola, cuja economia beneficiou do surto petrolífero dos finais de 1970, reagiu com a redução drástica das suas importações e teve que recorrer, pela primeira vez desde a independência, a empréstimos a longo prazo.

Vários projectos estão actualmente em preparação, a fim de rectificar os erros do passado. Deste modo, está em estudo a reestruturação das plantações de café. Este plano prevê a divisão das plantações existentes entre granjas do Estado, cooperativas e explorações privadas. Elabora-se igualmente uma melhor planificação tanto das importações como dos investimentos.

Conseguiram-se já alguns sucessos: graças às restrições das importações e a uma melhor gestão, o porto de Luanda foi descongestionado, a descarga dos barcos é feita mais rapidamente, evitando assim ao Estado o pagamento de cerca de 5 milhões de dólares de indemnizações aos armadores.

## Gâmbia: Processo de Cherif Dibba



Cherif Moustapha Dibba

Inicialmente fixado para Março, adiada duas vezes seguidas, o processo de Cherif Moustapha Dibba, líder do «National Convention Party» (partido da oposição) acusado de «alta traição», decorre desde segunda-feira em Banjul.

Os diferentes adiamentos do processo de Dibba, que foi candidato às recentes eleições presidenciais gambianas, embora estivesse preso, deu lugar a uma série de interpretações, algumas das quais defendendo que se destinavam a eli-

minar um rival perigoso de Dawda Jawara.

A explicação oficial para os adiamentos do processo é que a Gâmbia tem falta de advogados, apenas oito asseguram a defesa de mais de mil detidos desde a revolta de Julho de 1981.

O processo de Dibba, que comparece no tribunal juntamente com outras seis pessoas, entre as quais Pape Thieyacine Seck, chefe do «National Liberation Party», poderá durar três meses, devido ao número de testemunhas citadas, cerca

de 52 só para a acusação.

Na segunda-feira, o primeiro testemunha que tomou a palavra foi Swanzy, do Ghana, que representava o governo. Swanzy qualificou a tentativa de golpe de Estado de Kukoi Samba Sanyang de «calamidade nacional» e procurou demonstrar a convicção do partido de Cherif Dibba com os rebeldes, acusação que suscitou vivos protestos por parte dos advogados da defesa, argumentando estes que não se tratava do processo do «National Convention Party».

## Brasil e o conflito das Malvinas

O secretário-geral da ONU, o peruano Javier Perez de Cuellar, confessou anteontem as suas dificuldades em encontrar uma solução pacífica para o conflito das Malvinas. Espera-se a todo o momento um desembarque das forças britânicas neste arquipélago em poder da Argentina.

No entanto, este conflito preocupa seriamente os países latino-americanos, que sentem-se pouco seguros, em virtude dos problemas de alianças que a Argentina enfrenta na sua guerra contra a Grã-Bretanha.

Assim, o conflito das Malvinas suscitou um amplo debate no seio das forças armadas brasileiras, convencidas da necessidade de um rápido rearmamento do país. Multiplicaram-se nos últimos dias as declarações de

responsáveis do exército e de altas personalidades governamentais a favor de um reforço do poder militar do Brasil.

Os ministros da Marinha e da Aeronáutica já decidiram, na semana passada, modernizar o único porta-aviões do país, o «Minas Gerais», e segundo o jornal «Estado de São Paulo», vão também equipá-lo, o mais brevemente possível, com caças bombardeiros comprados no estrangeiro.

Os ministros das três armas, o chefe de estado-maior das forças armadas e o chefe de gabinete militar da presidência devem reunir-se no próximo mês, a fim de estudarem as novas necessidades das forças brasileiras e eventualmente rever o sistema de defesa.

«É tempo de reconhecer que o Brasil pode ser ameaçado a todo o momento, por uma invasão da Amazônia ou de qualquer outra parte do território», assegurou o presidente da Comissão de Segurança Nacional da Câmara dos deputados, o general de reserva Alípio Carvalho.

«Porquê que a Grã-Bretanha pode ter submarinos atómicos e o Brasil não?», acrescentou.

O ministro da Marinha, o almirante Maximiliano da Fonseca, embora assegurando que o Brasil não se lançará numa «corrida aos armamentos», sublinhou que o conflito das Malvinas incitaria os países latino-americanos a rever as suas exigências em material militar. «A seguir a esta crise, ninguém terá mais confiança em ninguém», sublinhou.

LAGOS — O presidente Shehu Shagari da Nigéria denunciou a ajuda fornecida pelos países ocidentais à África do Sul, permitindo-lhe tornar-se uma potência nuclear. Por seu lado, o director-geral da Agência Internacional para a Energia Atómica, Hans Blix, declarou que a utilização da energia atómica em Vom, no centro da Nigéria, para a esterilização da mosca «tsé-tsé», era um bom exemplo da utilização desta energia.

Blix considerou também que a energia atómica podia ser igualmente utilizada em África no domínio da hidrologia, para a busca de água.

### DÉFICE DA UNESCO

PARIS — Ahmadou Mahtar Mbow, director-geral da Unesco, anunciou que esta organização da ONU para assuntos da Educação, Ciência e Cultura enfrenta sérios problemas financeiros. Muitos países membros não pagam há muitos anos a sua quota, que totaliza actualmente 22 milhões de dólares.

Devido a estas dificuldades, a Unesco não está em condições de prestar assistência aos países membros, em particular os países em vias de desenvolvimento, cujas solicitações de assistência nos domínios da Educação, Ciência e Cultura são maiores.

### BREJNEV VAI A NICARÁGUA

MOSCOVO — O secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, Leonide Brejnev, aceitou deslocar-se em visita oficial de amizade à Nicarágua, a convite da direcção nacional da Frente Sandinista e do governo nicaraguense. O convite ao chefe de Estado soviético foi formulado por Daniel Ortega Saavedra, coordenador da Junta de governo da Nicarágua, que efectuou há duas semanas uma visita oficial à URSS.

### ECONOMIA EGÍPCIA

CAIRO — O ministro egípcio da Economia e do Comércio, dr. Fuad Hashem, afirmou que a consolidação das relações comerciais e económicas entre o Egipto e os países africanos e árabes era prioritária na actual política económica egípcia.

Numa declaração ao jornal semanal «Mayo», órgão do Partido Democrático (no poder), o dr. Hashem indicou que investimentos alargados seriam destinados aos projectos de desenvolvimento do Sinai, em particular no domínio agrícola, mineiro e turístico.



# Empossados novos membros do Governo

O camarada João Bernardo Vieira, Secretário-Geral do PAIGC e Presidente do Conselho da Revolução e Chefe de Estado, empossou na quarta-feira passada o Primeiro-Ministro do Governo Provisório e os ministros recentemente nomeados. A cerimónia realizou-se no salão Abel Djassi, no Palácio da República, na presença dos membros da direcção superior do Partido, secretários e directores-gerais.

mais nada menos, que o cumprimento do sonho de Amílcar Cabral».

O camarada Nino Vieira realçou o facto de que «é pela primeira vez que na Guiné-Bissau existe um Primeiro-Ministro, com todos os poderes inerentes ao cargo. As mudanças do Governo em qualquer país são normais e nós pensamos que estas mudanças também o são», sublinhou ainda o Chefe de Estado, para em se-

ministro da Coordenação Económica e Plano, que agora deixa o executivo e Mário Cabral, ex-ministro da Educação Nacional, que também deixa o Governo com esta remodelação, o camarada Nino Vieira disse que o primeiro na sua qualidade de Secretário Executivo do Comité Central do Partido, irá dedicar-se à reorganização do PAIGC, que como força dirigente da nossa sociedade, deve ser dotado de instru-



## Intervenção de Saúde Maria

O camarada Victor Saúde Maria, do Bureau Político do Partido, Vice-Presidente do Conselho da Revolução e Primeiro-Ministro do Governo Provisório afirmou no seu discurso que vivemos momentos históricos depois do 14 de Novembro, e que hoje há razões para estas mudanças, que de resto «são normais, embora nas nossas condições elas não sejam fáceis. O que achamos fundamental, considerou o Primeiro-Ministro, «é servir os interesses do nosso povo».

O Primeiro-Ministro disse que esta remodelação governamental é também fruto do balanço que fizemos ao nosso trabalho. Quanto às funções a que foi designado, salientou: «o cargo do Primeiro-Ministro é pesado para mim, mas é uma missão do Partido, e é o destino da luta...». O camarada Saúde Maria apelou à disciplina e à ordem, pois que «com a anarquia não poderemos construir um verdadeiro Estado moderno».

Ainda no seu discurso, o Primeiro-Ministro do Governo Provisório referiu-se à confusão que reina na Função Pública, exemplificando que durante o período das comemorações do Primeiro de Maio, houve trabalhadores que abandonaram os seus postos de trabalho, indo para piquiniques, quando se pretendia solidariedade com os camponeses. O camarada Primeiro-Ministro incitou os trabalhadores da Função Pública a produzir mais e apelou ao rigor, trabalho e disciplina, pedindo colaboração estreita dos membros do Governo para a s s i m poderem cumprir os seus deveres.

Após conceder a posse, o camarada Nino Vieira proferiu um discurso, tendo começado por felicitar os membros do Governo agora empossados aos quais desejou coragem no desempenho da tão nobre missão, que «não é nada

guida advertir os membros do Governo agora empossados de que «aquele que falhar nas suas funções será demitido», lembrando que só na disciplina, é que o trabalho pode avançar.

Sobre os camaradas Vasco Cabral, antigo

mentos necessários para o cumprimento cabal da sua missão.

O PAIGC como força dirigente, disse o Presidente, terá que dar orientações ao Estado e vigiar a aplicação na prática dessas directrizes pelo Governo, tanto

a nível económico como político. Quanto ao camarada Mário Cabral, o Chefe de Estado explicou que este dirigente do Partido será chamado para outras missões no estrangeiro.

Na continuação do seu discurso, o camarada Secretário-Geral do Partido apelou aos membros do Governo a redobram os seus esforços no cumprimento dos seus deveres sem olhar para os sacrifícios. Dirigindo-se aos jovens a quem classificou de futuros dirigentes do país, o camarada Presidente do Conselho da

Revolução convidou-os também a porem os seus conhecimentos em prol do desenvolvimento e no interesse do nosso povo e incitou-os a «pegarem teso» nesta hora da reconstrução nacional.

Nino Vieira disse que os ministérios passarão a dispôr brevemente de leis orgânicas, que permitirá a cada membro do Governo conhecer a sua esfera de acção e evitarão a apatia e falta de iniciativa de cunho pessoal.

O Chefe de Estado guineense falou ainda da necessidade de liberalização do comércio e

da necessidade de se dar prioridade a importação de produtos de primeira necessidade. Falou também do papel do novo ministro dos Negócios Estrangeiros e reafirmou a nossa política de Não-Alinhamento total e de entendimento com todos os povos. Nino Vieira diria ainda de que na Guiné-Bissau não tem significado a terminologia política de esquerda ou direita, «estamos aqui para servir os interesses do nosso povo e mais nada...», disse, acrescentando: «não faremos a política de ninguém».

## Vasco Cabral participou em reuniões de carácter económico

Um encontro de ministros dos países africanos menos avançados (PMA) decorreu de 26 a 30 de Abril na Líbia sob a presidência do camarada Vasco Cabral, membro do Bureau Político e secretário Permanente do Comité Central do PAIGC, na altura Ministro da Coordenação Económica e Planeamento.

Nesta 1.ª Conferência Ministerial, analisada a situação caótica em que se encontram estes países face à inflação e

à situação da crise económica mundial que agrava cada vez mais a deficitária balança de pagamentos dos mesmos.

Tendo em conta o novo programa substancial de acção, aprovado na reunião de Paris em Outubro de 1981, os participantes nesta 1.ª Conferência Ministerial viram a necessidade de criar condições para a sua aplicação prática, o estabelecimento de mecanismos para o seu prosse-

guimento, controle e execução, de acordo com as necessidades de cada país.

Após longo debate e concluída a necessidade de levar a cabo os programas de desenvolvimento em colaboração e coordenação estreita com organismos internacionais de carácter económico, nomeadamente o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Comissão Económica Africana

e a CNUCED, foram adoptadas resoluções que visam o controlo e execução dos planos traçados e analisada a urgência de efectuar uma mesa redonda com os organismos financiadores de vários projectos em curso nos diversos países africanos.

Ainda, o camarada Vasco Cabral participou em Tripoli (Líbia) de 27 a 30 de Abril na Conferência Ministerial dos titulares da Pasta de

Planificação Económica, onde foram abordadas questões ligadas ao desenvolvimento e planificação nos países membros da Comissão Económica Africana. A definição da importância do «Plano de Lagos», a análise do «Relatório Berge» que solicita ao Banco Mundial o estudo do desenvolvimento acelerado dos países africanos a sul do Saara, convergiu na adopção de uma declaração que salienta a necessidade da realiza-

ção de um estudo da perspectiva de desenvolvimento dos países africanos com vista à definição da estratégia de desenvolvimento, de acordo com a linha de orientação saída da reunião de Lagos.

As relações Norte/Sul e a necessidade de se proceder a um desenvolvimento endógeno e autocentrado, baseados nos princípios de autonomia colectiva, foram igualmente sublinhados.

FICHA TÉCNICA - JORNAL «NÓ PINTCHA»; AV. DO BRASIL, C. P. 154 - BISSAU

António Soares (Director em exercício); João Quintino (Chefe de Redacção em exercício)

REDACÇÃO: Arlette Adília, António Tavares, Auzenda Nozolini, Baltazar Beblano, Barnabé Gomes, Carolina Fonseca, Fernando Jorge, Fernando Perdigão, João Fernandes, José Flecha, Pedro Albino, Pedro Quadé, Ealmundo Pereira, Teresa Ribeiro. MAQUETAGEM: Cândido Camará, FOTOGRAFIA: Agostinho Sá, Casimiro Cá, José Tchuda, Manuel Costa, Mário Gomes, Pedro Fernandes. SECRETARIA DA REDACÇÃO: Eurídice Gama, Idel Miranda, Ivete Monteiro.